

ANTÔNIO FAGUNDES

OS

# SÍMBOLOS NACIONAIS

O Hino, as Armas, o Sêlo e a Bandeira Nacional



RIO GRANDE DO NORTE

— NATAL —

1964

ANTÔNIO FAGUNDES

*Maria Anita de Lima*

## Os Símbolos Nacionais

O Hino, as Armas, o Sêlo e a Bandeira Nacional

(Excerto do livro **Manual  
Cívico**, em preparação)



RIO GRANDE DO NORTE

— NATAL —

1964

*Devotados Colegas :*

*Com a visão bastante prejudicada, consegui, ainda, concatenar essas linhas em tórno dos símbolos nacionais, a fim de que, chegando por vosso intermédio aos escolares de nossa terra, nêles possam acordar o sentimento cívico-patriótico e os levem a amar e servir, com particular e expressivo devotamento, à terra em que nascemos.*

*Dêsse modo, quando chamados às responsabilidades da vida pública, estarão, de certo, possuídos dos maiores propósitos de honrar a nossa cultura, defender a liberdade, incentivar o progresso material do Brasil e preservar o nosso patrimônio moral, tanto quanto inspirar ao estrangeiro o respeito às nossas tradições e aos nossos lídimos direitos internacionais.*

*Confio que fareis com os vossos alunos aquilo que não me é dado tentar em favor da Pátria comum.*

*Pela acolhida que dispensardes a êste modestíssimo trabalho, o meu antecipado agradecimento.*

*Natal, setembro, 1964.*

*A. Faundes.*

*Semeando entre vossos alunos o amor à terra em que nascemos, cultivando-lhes o sentimento cívico, tereis formado cidadãos prestimosos, úteis à família e à Pátria estremecida.*

*A. F.*

**A**

**Mário Sérgio,  
Márcia e  
Marcelo.**

☆

**Gilvan Máximo e  
Marco Aurélio.**

☆

**Ana Patrícia.**

☆

**Cléa,  
Zenaide e  
Emídio Júnior,**

**para que saibam amar a Pátria com  
ardor e a ela servir denodadamente.**

*Antônio.*

## I — A formação cívica

É notório que, desde quando o civismo foi banido do currículo das nossas escolas, a mocidade perdeu o interesse pelos fatos que beneficiam a coletividade. Perdeu o respeito às leis e às autoridades constituídas, o amor à terra comum, a admiração aos nossos maiores. Esqueceu a reverência devida à memória dos que arquitetaram a nossa grandeza material e argamassaram a paz que ora usufruimos.

Cumprе salientar que o civismo não é fetichismo, senão sentimento de amor acrisolado à terra do nascimento e a tudo que a ela se prende, que a ela nos apegamos com o objetivo de torná-la opulenta e respeitada, de cuja prosperidade nos advenha a tranqüilidade e a felicidade relativa.

A falta de formação cívica das crianças e dos jovens brasileiros era uma das mais sensíveis lacunas encontradas em nossa educação hodierna, responsável, em grande parte, pela manifesta incompreensão dos homens públicos, em sua maioria, dos deveres da cidadania.

Que nos poderão adiantar as exibições que não trazem sentimentos da alma, que não existem porque não foram despertados?

Registamos, com pesar, que assim nos parecem certas comemorações cívicas de nossos dias, por ocasião das

festas nacionais e escolares. Deixam-nos patente a falta de entusiasmo, de calor patriótico, porque são feitas sem aquela vibração natural de quem experimenta arroubos transbordantes da alma em eclosão.

As demonstrações de sentimentos que não existem são utopia, falso, torpeza, vilania.

Para que a personalidade do cidadão se edifique é mister cuidarmos da educação cívico-patriótica. É mister que despertemos em cada ser que se educa os sentimentos latentes de amor à terra, que fazem honrar e dignificar a coletividade, na convicção de que, em se melhorando os indivíduos, se há engrandecido a comunidade. É mister que se plante na alma das crianças um patriotismo real, verdadeiro, sólido, distinto dessas exteriorizações sem consistência, sem qualquer significação, destituídas do mínimo valor educativo. É isso dever não só dos preceptores, mas ainda de todos os que têm responsabilidades na formação moral e social dos futuros cidadãos.

É preciso fazer vibrar a alma brasileira. Enquanto assim não fizermos, notaremos a falta de cidadãos que pugnem pelo seu verdadeiro bem-estar e grandeza da coletividade. Conseqüentemente, longe estaremos de usufruir os benefícios do progresso, da evolução, de uma política condizente com os nossos foros de povo que evolve e que anseia maiores e mais completos objetivos na vida.

Andaram efetivamente bem avisados os legisladores de nossos dias tornando obrigatório o ensino do desenho da Bandeira Nacional e o canto do Hino Brasileiro em todos os estabelecimentos públicos ou particulares, de ensino primário, secundário, normal e profissional do país.

Convençamo-nos de que a formação cívico-patriótica constitui o esteio da democracia. Urge, pois, que dela não nos descuidemos jamais.

---

## EXERCÍCIOS

Complete as proposições seguintes :

A educação cívico-patriótica leva a mocidade a .....  
..... as leis e as instituições. O sentimento pa-  
triótico nos prende à ..... do nascimento. É dever  
de todo cidadão ..... defender a integridade da  
Pátria. A obediência às leis é dos maiores ..... do  
cidadão.

---

Assinale com um "x", nos parênteses, a frase que com-  
pleta a proposição seguinte :

*Promover a educação cívico-patriótica é*

(     ) dignificar a família

(     ) honrar a tradição

(     ) formar cidadãos

(     ) enriquecer a Pátria

(     ) tornar-se feliz

## II — A Pátria

A Pátria não é concepção vaga, sem vida, mas a idéia de tudo o que nos cerca desde criança, que nos protege, que vive conosco, enternece o espírito e nos impulsiona aos mais elevados cometimentos.

É a veneração que devemos aos nossos maiores, àqueles que estruturaram a nacionalidade com devotamento e amor acendrado.

Os poetas cantam-na em estrofes maviosas, os oradores declamam os feitos heróicos e as epopéias do povo que a constitui. É que ela emociona e faz vibrar o coração, a todos inspira o carinho e a solicitude de quem sente que a felicidade relativa reside na união e no auxílio mútuo entre os homens, no respeito recíproco entre jovens e anciãos, humildes e potentados, grandes e pequenos, todos unidos pelos mesmos elos da imensa cadeia que forma a coletividade.

A Pátria é a gente e a terra, a língua e a lei, a indústria e o comércio, o campo e o lar, a cascata que geme, o pássaro que gorjeia e a máquina que freme, o calor do berço e o gêlo do túmulo. É o escrínio de lídimas esperanças e o relicário das glórias maiores, o labor, a honra, o sacrifício, a virtude, que é pureza, o heroísmo, que é a própria glória.

A Pátria é o berço de nossos filhos e o túmulo de nossos antepassados. É a casinha em que nascemos, é o rio em que nos banhávamos nas travessuras de criança; é a campina virente, o gado que muge e o sabiá que mo-

dula enternecedoras canções; a juriti que geme na mata e o fruto saboroso da selva ou do pomar; é o luar que nos enternece, é o sorriso e é a dor; é a flor dos vergéis e o minério que lateja no seio da terra; é o travo da saudade e a prece fervorosa que sobe aos céus; é a fonte de água cristalina e o regato que murmura. São os companheiros da infância e os velhos ou moços que nos emprestaram decidida colaboração, desinteressada e eficiente quando, titubeantes e de passo incerto, caminhávamos despreocupados, inermes e indefesos aos vendavais, e ainda sem o pleno conhecimento das verdades puras e insofismáveis.

A Pátria é a língua que falamos, com que traduzimos as emoções e os anseios dos filhos pequeninos, cantamos as glórias e pranteamos as desditas dos nossos irmãos; é um conjunto material a que se prende a nossa vida e a nossa legítima aspiração. Não é fácil defini-la, mas é facilímo compreendê-la no beijo das mães, na pureza do lar, na meiguice da criança, na carícia das noivas. É alguma cousa mais do que nos parece à primeira vista, porque é tudo o que palpita no coração, conclamando-nos à solidariedade, à paz, à concórdia, e ensinando-nos a fortaleza de caráter e o repúdio ao vilipêndio e ao opróbio.

E ela, maternal, sempre maternal, será pródiga de benefícios para conosco. Quanto mais a soubermos amar, tanto mais ela nos recompensará com ternura de mãe todo o nosso afeto e todo o nosso sacrifício.

---

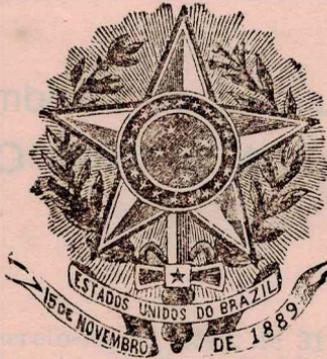
## EXERCÍCIOS

Diga, com suas palavras, o que você entende que seja a Pátria.

---

Complete as proposições seguintes:

A Pátria nos inspira os mais elevados.....  
..... A terra, a língua, o lar em que vivemos formam  
a Pátria de nossos..... Os poetas cantam  
em..... maviosas os encantos da Pátria. Quando  
ainda somos inexperientes, os velhos nos trazem .....  
..... das verdades puras. A Pátria é tudo o que pal-  
pita no....., convidando-nos à solidariedade, à  
paz e à concórdia.



## As Armas Nacionais



## O Sêlo Nacional

### III—Os símbolos nacionais.

#### O Hino, as Armas e o Sêlo.

Reza o Decreto-lei nº 4.545, de 31 de julho de 1942, que os símbolos nacionais são: a Bandeira, o Hino, as Armas e o Sêlo.

A Bandeira é o mais expressivo de todos êles, porque impressiona mais fortemente pela forma, pelo colorido, pela harmonia dos seus elementos constitutivos e, especialmente, porque permite que, mesmo a distância, seja divulgado e sentido com mais veemência. É ela que se põe em maior contato com o estrangeiro e toca, mais de perto, à nossa alma. Por êsses motivos é que será estudada em capítulo especial.

\* \* \*

O Hino Nacional é símbolo auditivo. É a voz da Pátria e traduz o sentimento do povo brasileiro, as suas tradições e as glórias por êle alcançadas.

Tôdas as nações têm o seu hino para cantar as glórias fulgentes, celebrar o valor de seus filhos e exaltar as riquezas do território.

A letra do Hino Nacional relembra-nos os triunfos do passado e incentiva-nos a que sejamos os continuadores das glórias e conservadores da honra dos nossos maiores, dos brilhantes e heróicos feitos que êles nos legaram, com abnegação e sacrifícios.

A composição musical tem o fulgor da época, a exaltação da glória, ascendendo ao heroísmo, entusiasmo e comove, tornando na guerra, mais ardorosa a luta e mais fácil a vitória. Não há melodia que desperte mais ardor patriótico e maior emoção.

Sendo a voz da Pátria, exalta-nos o sentimento, toca-nos à alma, excitando-nos o entusiasmo, quer nas solenidades militares, quer nas cerimônias cívicas.

O militar, ao ouvi-lo, voltar-se-á para a direção do som e fará a continência regulamentar, guardando completa imobilidade durante todo o tempo da execução da música. O civil tirará o chapéu, postar-se-á de pé, voltando-se para a direção do som, permanecendo imóvel e em silêncio.

O Hino Nacional, que está aceito pelo decreto-lei de 31 de julho de 1942, é o do poema de Joaquim Osório Duque Estrada, com a música de Francisco Manuel da Silva, letra e música, também, aceitas, anteriormente, pelos decretos 171, de 20 de janeiro de 1890 e 15.671, de 6 de setembro de 1922.

O seu uso é regulado por lei. Será executado, segundo dispositivos legais, em andamento metronímico de uma mínima igual a 120, obrigatoriamente na tonalidade de si bemol para a execução instrumental.

Em se tratando de canto, far-se-á sempre em uníssono. No caso de simples execução instrumental, será tocado sem repetição. Em caso de execução vocal, serão sempre cantadas as duas partes do poema.

O Hino Nacional será executado :

Em continência à Bandeira Nacional e ao Presidente da República; ao Parlamento Nacional e ao Supremo Tribunal Federal, quando incorporados; nos casos expressamente determinados pelos regulamentos de continência e cerimônias de cortezia internacional;

No encerramento das irradiações radiofônicas especialmente destinadas aos países estrangeiros;

Na ocasião do hasteamento da Bandeira Nacional nos estabelecimentos de ensino público e particular, de qualquer natureza e ramo;

Será facultada a execução do Hino Nacional na abertura das sessões cívicas, nas cerimônias religiosas a que se associe sentido patriótico e, bem assim, para exprimir rigosijo público em ocasiões festivas. (1)

\* \* \*

As Armas Nacionais foram instituídas pelo decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889. Devem obedecer à proporção de quinze de altura por quatorze de largura e atender às disposições seguintes:

O escudo será constituído de campo em blau<sup>(2)</sup> de cinco estrêlas de prata, formando a constelação do Cruzeiro do Sul, com bordadura<sup>(3)</sup> de campo perfilado de ouro e carregado de vinte estrêlas de prata. O escudo ficará pousado numa estrêla partida-gironada<sup>(4)</sup>, de dez peças de sinopla<sup>(5)</sup> e ouro, bordada de duas tiras, a interior de goles<sup>(6)</sup> e a exterior de ouro. O todo brocante<sup>(7)</sup> sô-

---

(1) Vide o Decreto-lei nº 4.545, de 31 de julho de 1942.

(2) **Blau** — Diz-se da côr azul nos brasões. Escudo de campo de Plau — escudo de campo azul.

(3) **Bordadura** — No sentido heráldico — cercadura do escudo.

(4) **Gironada** — Diz-se do escudo dividido em oito partes triangulares, iguais entre si e de esmaltes alternados.

(5) **Sinopla** ou **sinople** — o esmalte verde dos brasões, que é representado na gravura por traços diagonais, que vão do ângulo inferior direito ao superior esquerdo.

(6) **Goles** — um dos esmaltes heráldicos, vermelho e figurado no desenho por traços verticais.

(7) **Brocante** — guarnecido de brocal. **Brocal** — guarnição de aço nos escudos.

bre uma espada de pala<sup>(8)</sup>, empunhada de ouro, guardas de blau, sôbre a parte do centro que é de goles e carregada de uma estrêla de prata, figurará sôbre uma coroa formada de um ramo de café frutificado, á dextra, e de outro de fumo florido, á sinistra, ambos da própria côr, atados na blau, ficando o conjunto sôbre um resplendor de ouro, cujos contornos formam uma estrêla de vinte pontas.

Em listal<sup>(9)</sup> de blau, brocante sôbre os punhos da espada, encontra-se em letras de ouro a legenda "Estados Unidos do Brasil", no centro, e as expressões "15 de Novembro" na extremidade dextra, e "de 1889", na sinistra.

As Armas da República são usadas nos papéis officiais, nos documentos, no armamento dos militares e nas repartições públicas, civis ou militares, federais, estaduais e municipais e, bem assim, como emblema, encimando as fachadas dos edificios públicos e ornamentando o interior das casas de govêrno. São usadas ainda na faixa que é distintivo do Presidente da República.

\* \* \*

O Sêlo Nacional é constituído por uma esfera celeste igual a que se acha no centro da Bandeira Nacional, tendo em volta as palavras "República dos Estados Unidos do Brasil".<sup>(10)</sup>

Desenha-se o Sêlo Nacional com duas circunferências concêntricas, havendo entre os seus raios a proporção de três para quatro. A colocação das estrêlas da faixa e da legenda "Ordem e Progresso" seguirá as mesmas

---

(8) Pala — figura que, no campo dos escudos, ocupa, de ordinário, o têrço do campo e tem posição vertical.

(9) Listal — moldura que acompanha outra maior ou separa as canceluras de uma coluna. Canceluras — estria, sulco aberto, como meia cana, verticalmente, em colunas ou outras partes de construção.

(10) Vide o decreto-lei de 31 de julho de 1942.

recomendações feitas para a confecção da Bandeira Nacional, enquanto as letras da legenda "República dos Estados Unidos do Brasil" terão de altura uma sexta parte do raio do círculo interior e a largura de um sétimo do mesmo raio.

O Sêlo Nacional é usado para autenticar os atos dos governos, diplomas e certificados expedidos pelos estabelecimentos de ensino, oficiais ou reconhecidos.

---

### QUESTIONÁRIO

Por que a Bandeira Nacional é o mais expressivo dos símbolos da Pátria? — Qual é o símbolo auditivo da Nacionalidade? — Quem compôs o poema do Hino Nacional? — Quem compôs a sua melodia? — Como se devem portar os civis ao ouvirem o Hino Nacional? — Qual é o símbolo usado na Faixa do Presidente da República?

---

### EXERCÍCIOS

Complete as seguintes proposições:

O Hino Nacional deve ser executado por ocasião do ..... da Bandeira Nacional. Quando ....., o Hino Nacional deve abranger as duas partes do poema. As ..... da República são usadas nos papéis oficiais. O Sêlo é usado para ..... os atos do Governo. O ..... é o símbolo auditivo do Brasil.

# Hino Nacional

Letra de Osório Duque Estrada.

Música de Francisco Manuel da Silva.

## I

Ouviram do Ipiranga às margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da liberdade em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Nôvo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres,  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” em teu seio “mais amôres”.

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro dessa flâmula  
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

## IV — A origem das Bandeiras

Os povos mais remotos de que temos notícias utilizaram a bandeira para distintivo, símbolo de união, em torno do qual cada grupo se congregava.

Entre os hebreus, as bandeiras distinguiam as tribos. Os egípcios usavam-na como emblema representativo dos **tótemes**. (1)

A bandeira foi encontrada entre os gregos e os romanos.

O termo tem origem no vocábulo gótico **bandva**, que significa insígnia.

Na Idade Média as bandeiras generalizaram-se. Abençoadas pelos Papas, eram conferidas aos príncipes. Os do Brasil tiveram-na em 1645.

Pedro Alvares Cabral, quando empreendeu a viagem para as Índias, da qual resultou o descobrimento do Brasil, recebeu de D. Manuel "uma rica Bandeira da Ordem de Cristo", abençoada por D. Diogo de Ortis, que oficiara a missa solene, na qual se suplicavam a Deus felicidades para os navegantes expedicionários. (2)

Ao tempo das conquistas dos sertões, os grupos que

---

(1) **Tótem** — Animal ou cousa que os selvagens da América têm como sagrado. Deus primitivo, informe e grosseiro dos selvagens.

(2) Vide "História do Brasil", de Osório Duque Estrada, pág. 36. Esta bandeira era constituída da cruz vermelha da Ordem de Cristo, inscrita em quadro branco.

emprendiam essa aventura, levavam uma bandeira à frente, com a qual indicavam o rumo a seguir por todos os viajantes. Quando penetravam no âmago do território, varando os sertões e plantando cidades, acontecia, por vezes, que êsses grupos se dispersavam porque alguns viajantes andavam mais apressadamente, enquanto outros, retardatários ou menos resistentes à marcha, iam ficando distanciados dos primeiros. Com o intuito de convocar todos a se unirem em determinado ponto, costumavam içar, à guisa de bandeira, um pano qualquer por sôbre a copa de uma das árvores da circunvizinhança. O sinal, visto a considerável distância, indicava o pouso dos companheiros da vanguarda, para onde todos se deviam dirigir. Em pouco tempo estavam de nôvo reunidos em um só grupo, guiados pelo sinal convencionado.

As bandeiras são usadas também na linguagem semafórica dos grupos militares ou instituições civico-escolares, depois de estabelecida a convenção relativa às suas formas e côres, variadas e combinadas.

Assim, ora servindo de distintivo das tribos, ora de corporações, veio a bandeira a converter-se em símbolo das nacionalidades, perpetuando os dias de glória ou angústia, o heroísmo, a bravura, a intrepidez e expressando a concretização dos ideais de um povo.

Sendo emblema da Pátria, a Bandeira tornou-se o símbolo mais representativo de uma nacionalidade e o que mais de perto toca à sensibilidade. Acompanha os patrióticos ao estrangeiro, nas excursões comerciais, turísticas, esportivas ou políticas, e leva o soldado ao campo da luta. A sua posse pelo inimigo significa a vitória dêste, o domínio. Deixar que o inimigo a substitua, é capitular na luta, é ser vencido. Daí o fervor com que o patriota deseja possuí-la e o sacrifício com que o soldado a defende no campo de batalha, preferindo perder a vida a deixar que ela venha a ser maculada e, muito menos, arrebatada pelo inimigo.

---

## QUESTIONÁRIO

Desde quando há notícia do uso de bandeiras? Que bandeira trouxe Pedro Alvares Cabral quando chegou ao Brasil? Que faziam os bandeirantes quando se distanciavam na marcha pelo interior do país? Que linguagem é usada com bandeiras? Que representa a bandeira nos dias atuais? Por que o soldado defende com ardor a Bandeira da Pátria?

---

## EXERCÍCIOS

Complete as seguintes proposições:

Pedro Alvares Cabral trouxe uma ..... que foi abençoada por D. Diogo de Ortis. Os grupos de bandeirantes usavam uma bandeira improvisada quando precisavam ..... os que se achavam distanciados. A bandeira era usada para ..... de corporações. Hoje é a Bandeira ..... das nacionalidades. Sendo ..... da Pátria, a Bandeira congrega os que têm o mesmo ideal.

## V — Bandeiras que tremularam no céu do Brasil

Diversas bandeiras tremularam ao sôpro da brisa do Brasil, tôdas elas significativas, traduzindo os anseios do povo ao tempo em que foram criadas.

Após o descobrimento, passamos a usar a Bandeira Real de D. Manuel, a mesma que serviu nas conquistas ultramarinas — campo branco sôbre o qual ficava a Cruz de Cristo, de côr vermelha, tendo superposto o emblema de Portugal.

Em 1521, tivemos a Bandeira de D. João III — retângulo branco sôbre o qual se via o emblema de Portugal.

De 1580 a 1640 tivemos a Bandeira da Espanha, depois da qual, até 1645, usamos a Bandeira de D. João IV — retângulo azul, tendo no centro outro retângulo menor, de côr branca, sôbre o qual se via o emblema de Portugal.

Em 1645 tremulou a Bandeira do Principado do Brasil, criada por D. João IV, em favor dos filhos primogênitos dos reis de Portugal. Tinha êsse pavilhão um campo branco e a esfera armilar encimada por uma cruz. A Bandeira oficial, entretanto, do Brasil-Colônia, — retângulo branco em que se via inscrita a esfera armilar — começou a tremular em 1645 e chegou até 1816, quando tivemos a

Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves,—o mesmo retângulo branco com o emblema do Reino-Unido.

Ao ser jurada a primeira constituição, em 1821, tivemos uma Bandeira formada de dois retângulos justapostos, um azul e outro branco, no centro de cujo campo figuravam as armas portuguesas.

Quando se deu a Independência do Brasil, o decreto de 18 de setembro de 1822, referendado pelo Patriarca José Bonifácio, instituiu o Escudo de Armas e a Bandeira Imperial, que fôra imaginada pelo próprio José Bonifácio, segundo contínuas afirmações. (1) Era constituída de um losango amarelo inscrito em campo verde, no centro do qual ficava um escudo verde, encimado pela coroa do nôvo Império. Esse escudo é formado de uma esfera armilar de ouro, ajustada em um círculo azul pontilhado de 20 estrêlas de prata e a Cruz da Ordem de Cristo, ladeado por dois ramos—de café e de tabaco, entrelaçados.

As côres tinham representação histórica: o verde lembrava a Casa de Bragança a que pertencia D. Pedro, e o amarelo, a Casa de Lorena, da qual era descendente a Imperatriz, D. Leopoldina.

Memorando fatos já consagrados pela história do povo recém-organizado, conservou-se no centro do escudo a esfera armilar do tempo do Brasil-Colônia. Os ramos de café e de fumo, ladeando o escudo, representavam os principais produtos do país nessa época.

Além dêsses pavilhões oficiais, tivemos outros que nos apareceram por ocasião dos movimentos separatistas que emergiram da alma genuinamente brasileira. Cada um dêsses movimentos tinha-o por simbolo que incen-

---

(1) O historiador Gustavo Barroso contesta que José Bonifácio tenha sido o criador da Bandeira do Império e afirma ter sido ela idealizada pelo pintor francês João Batista Debret, trazido para o Brasil por D. João VI.

tivava os seus adeptos ao pregarem a idéa e arregimentava-os, sob o ardor cívico-patriótico, para as lutas em prol da concretização da liberdade sonhada, que existia latente na alma do povo ainda em formação.

Quando se deu a Inconfidência Mineira, em 1789, em consequência da qual foi sacrificado o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, que passou à história com a alcunha de **Tiradentes**, os nacionalistas instituíram uma Bandeira para símbolo representativo da Pátria, em acôrdo com os seus nobres ideais. Era um retângulo de côr branca, tendo ao centro um triângulo verde encimado com o lema **Libertas quae sera tamen** — liberdade ainda mesmo tardia, escrito em caracteres verdes.

O retângulo simbolizava a Santíssima Trindade, a cuja proteção aquêles patriotas colocaram os destinos da Pátria que desejavam criar.

Em 1798 verificou-se a Inconfidência Bahiana. Teve êsse movimento a sua Bandeira formada de um retângulo dividido em três faixas distintas, em sentido vertical, de iguais dimensões, sendo duas laterais de côr azul e a outra de côr branca, no centro da qual se encontrava uma estrêla de cinco pontas, de côr vermelha, rodeada de cinco estrêlas pequenas, da mesma côr, colocadas na parte exterior dos ângulos externos da estrêla maior.

Em 1817 verificou-se a Insurreição Pernambucana, da qual fazia parte o Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro — o **Frei Miguelinho**, — executado na Bahia, a 12 de junho daquele ano. Êsse movimento libertador organizou, também, a sua Bandeira. Era azul e branca, dividida horizontalmente em dois retângulos pelas duas côres, sendo o superior, azul, duas vêzes mais largo do que o inferior, de côr branca. Neste último, via-se uma cruz vermelha, simbolizando a fé e, na faixa superior, estava um arco-iris, símbolo da concórdia e da solidariedade, sobre o qual apontavam três estrêlas, representando as três províncias insurrectas: Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Em 1824 dera-se outra insurreição de caráter republicano nas províncias de Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, que passou à história com o nome de Confederação do Equador. A idéia de liberdade inflamava, cada vez mais, o ardor cívico dos brasileiros e, mais do que nunca, as províncias do norte iam agasalhando o sonho dos nativistas.

Os adeptos desse movimento construíram também uma Bandeira. Era um retângulo azul sôbre o qual ficava um ramo de cana de açúcar e outro de algodoeiro, tendo no centro um escudo, dentro do qual um círculo branco, onde estavam gravadas as palavras “Religião, Independência, União, Liberdade”. Encimando o escudo — uma faixa branca em que se via a palavra “Confederação.”

A Bandeira do Regime Constitucional — 1821 — era constituída de dois campos, um azul e outro branco, dispostos em sentido vertical. No centro encontrava-se o emblema de Portugal, encimado pela coroa do Brasil.

A Revolução Bahiana, em 1833, teve a sua Bandeira constituída de um retângulo branco, tendo no centro e em sentido vertical, uma faixa azul, correspondente ao seu têrço.

O ideal republicano, que parecia não suportar mais o jugo estrangeiro, espalhara-se por todo o território brasileiro. No sul, dera-se outro brado; outro movimento verificava-se. Agora era o Rio Grande do Sul o cenário dos acontecimentos de 1835: a Guerra dos Farrapos. Tiveram também êsses patriotas o seu pavilhão. Era um retângulo dividido em três côres — verde, escarlate e ouro — colocadas em sentido inclinado e tendo no centro um brasão com a legenda — “República Riograndense, 20 de setembro de 1835”, e em faixa, ao pé do brasão — “Liberdade, Igualdade, Humanidade”. Foi essa a Bandeira da conhecida República de Piratini.

A Revolução de Santa Catarina, em 1839, teve a sua Bandeira formada por um triângulo dividido em três fai-

xas, em sentido horizontal, sendo a superior verde, a intermediária branca e a inferior amarela.

Ao lado desses pavilhões devemos colocar a Primeira Bandeira Republicana—a Bandeira do Governo Provisório, que teve a curta duração de 15 a 19 de novembro de 1889. Era a própria bandeira do Clube Republicano “Lopes Trovão”.

Formavam-na listras verdes e amarelas, em sentido horizontal, alternadas, tendo um quadrado azul no ângulo do alto junto à haste, com vinte estrêlas brancas, dispostas em quatro grupos de cinco estrêlas em uma quina.

Este pavilhão foi hasteado na tarde de 15 de novembro de 1889, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, depois Prefeitura do Distrito Federal, onde permaneceu até o dia 19 daquele mês, quando foi substituído pelo atual.

A Bandeira Provisória da República serviu, também, para ser hasteada no dia 17 de novembro, no vapor Alagoas e nos navios Riachuelo e Paraíba. Foi ela que acompanhou o Imperador D. Pedro II e sua família ao exílio. Sua substituição decorreu do decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889, que instituiu a atual Bandeira Republicana, idealizada pelos genuínos patriotas que plantaram a República no Brasil, à sombra da qual todos nos abrigamos hoje. É ela que nos inspira os destinos da Pátria, augurando-nos um futuro promissor e feliz.

---

## QUESTIONÁRIO

Quantas Bandeiras possuiu o Brasil? Em que consistia a Bandeira Lusitana? Em que oportunidade teve o Brasil a sua primeira Bandeira? Que representam o verde e o amarelo da Bandeira Nacional? Houve no Brasil outros pavilhões além dos do Brasil-Colônia, Brasil-Reino e Brasil-Império? Cite alguns dêles.

---

## EXERCÍCIO

Complete as seguintes proposições:

A Bandeira do Império era constituída de um ..... amarelo inscrito em campo verde, tendo no alto ..... verde encimado pela coroa imperial. Os movimentos separatistas organizavam suas ..... A Bandeira da Insurreição ..... tinha as côres azul e branca divididas horizontalmente em dois retângulos. A primeira Bandeira da República acompanhou ..... ao exílio.

## VI — A Bandeira do Império

Afirma-se comumente que a Bandeira do Brasil é da autoria de José Bonifácio e que as côres verde e amarela foram escolhidas por D. Pedro I, após a proclamação da Independência.

Diz-nos, entretanto, o escritor Gustavo Barroso que isto não corresponde à verdade dos fatos e que José Bonifácio apenas referendou o decreto da sua criação.

O verdadeiro autor de nossa Bandeira, afirma aquele pesquisador emérito, foi o pintor João Batista Debret, francês trazido ao Brasil por D. João VI, para fundar a nossa então Academia de Artes, hoje Escola de Belas Artes.

E continua explicando-nos que, por volta de 1816, quando D. João VI pensou em se tornar soberano do novo país, encomendou a Debret um projeto de bandeira para o futuro Reino, cujo desenho colorido tinha “ao centro um círculo com 19 estrêlas sob uma coroa real, sendo maior a estrêla logo abaixo desta, rodeia a esfera armilar com a Cruz da Ordem de Cristo, sustida por dois ramos, um de cana de açúcar e outro de fumo, unidos na parte inferior por um dragão, todos de verde.”

“O verde é a esperança e o amarelo riqueza; o verde era ainda uma das côres tradicionais da simbólica nacional portuguesa, a côr das bandeiras de guerra de D. João IV, o amarelo, a côr por excelência da Austria, a que fôra unido por D. Maria Leopoldina o herdeiro do trono, da qual descendia o soberano por D. Mariana, mu-

Iher de D. José I. A esfera armilar com a cruz da Ordem de Cristo em verde dera D. João IV ao Principado do Brasil, apanágio do seu infeliz primogênito, o Príncipe D. Teodósio. Os ramos de cana e fumo representam as grandes produções da época. O dragão é a formosa serpe, timbre heráldico do escudo de armas da casa de Bragança, que aparece nas armas reais de Portugal e no castão do cetro de nossos Imperadores”.

“Como se vê, tudo na composição de Debret respira história e tradição. Todavia dois elementos novos são por êle introduzidos no pavilhão que se iria tornar, com pequenas modificações, o perpétuo símbolo da Nação Brasileira. Em primeiro lugar, o losango incluído no campo verde, que aberra dos tipos comuns das bandeiras do século XVIII e princípio do XIX, tôdas elas divididas em cruz ou esquarteladas, cortadas em faixas ou agironadas”.

.. .. .

“A segunda novidade que vai ter vida tão longa quanto essa primeira é a adoção das estrêlas de cinco pontas para representarem as Províncias do Brasil. Naturalmente a maior é o Rio de Janeiro, seguindo-se em posição igual as outras 18 : Grão Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso, São Pedro do Sul e Cisplatina, isto é, a Banda Oriental—o Uruguai. Ainda se não destacara a comarca do Rio Negro como Província do Amazonas da de Grão Pará, o que aconteceu em 1852, nem se arrancara a São Paulo a comarca de Curitiba para constituir a Província do Paraná, o que se fêz em.... 1853”.(1)

O soldado-menino que havia de prestar serviços de suprema relevância à Pátria Brasileira, Luís Alves de Lima e Silva, Alferes do 1º Batalhão de Granadeiros, o Ba-

---

(1) Vide “Nos Bastidores da História”, de Gustavo Barroso, páginas 127 e seguintes.

talhão do Imperador, mais tarde Duque de Caxias, seria o primeiro depositário do Pavilhão do Brasil independente. Recebera-o solenemente das mãos de Pedro I, no Campo de Santana, a 12 de outubro de 1822, dia da aclamação do Imperador. Não desmereceria êle, jamais, a honra insigne que lhe fôra conferida e soubera guardá-la e defendê-la sobejamente, tanto nas lutas guerreiras inevitáveis, quanto nas discórdias que pacificou, nas exaltações de ânimos que soube acalmar, quando a sua palavra e a sua presença eram suficientes para se firmar a paz e restabelecer a tranqüilidade entre nossos irmãos.

Quando se deu a proclamação da República, mantiveram-se as côres verde e amarela e as suas disposições, sacrificando-se, porém, a tradição portugüesa, o que se atribui ao espírito sectário do positivismo então dominante entre os mais fervorosos republicanos. Substituindo-a, appareceu o globo azul do ceu estrelado do Brasil, em que se vê o Cruzeiro do Sul. Essas constelações não se encontram, entretanto, em sua posição tal como poderão ser vistas diretamente, mas, em posição invertida, como se estivessem refletidas em um espêlho.

Aceite assim, unânemente, é ela que nos inspira o ardor cívico e nos congrega para a grandeza maior da terra do nosso berço. E não poderá ser de outro modo após haver presidido a feitos memoráveis dos nossos antepassados. Que em cada dia que se passa, maior venha a ser o seu poder de confraternização, para maior prosperidade material e moral do povo que ela simboliza.

---

## QUESTIONÁRIO

Quem organizou a bandeira do Império? Que diz a respeito o historiador Gustavo Barroso? Na opinião de Gustavo Barroso, quem foi o organizador desta Bandeira? Quem era João Batista Debret? Como era a Bandeira que D. João VI encomendou a Debret para o futuro Reino do Brasil? Qual foi o militar que primeiro recebeu para sua guarda a Bandeira Brasileira? Quando ocorreu essa oportunidade?

---

## EXERCÍCIOS

Assinale com um  $x$ , nos parênteses, a locução que completa certo a proposição seguinte:

**A côr verde da Bandeira do Império relembra**

- (     ) a riqueza do Brasil
  - (     ) a Casa de Lorena
  - (     ) a côr do trono da Austria
  - (     ) a tradição de Portugal
  - (     ) a Casa de Bragança
-

Complete as seguintes proposições:

Na Bandeira do Império não estava representada a Província de..... porque não se havia ainda desligado da de Grão Pará. Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, foi o primeiro..... do Pavilhão do Brasil. Não desmereceu Caxias a..... que lhe foi conferida. A República manteve as..... e as disposições da Bandeira do Império. A esfera azul substituiu..... da monarquia.

## Hino da Independência

Letra de Evaristo da Veiga  
Música de D. Pedro I

Já podeis, da Pátria filhos,  
Ver contente a mãe gentil,  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil.

Revoavam sombras tristes  
Da cruel guerra civil;  
Mas fugiram apressadas  
Vendo o anjo do Brasil.

Mal sôou na serra, ao longe,  
Nesse grito varonil  
Nos imensos ombros, logo,  
A cabeça ergue o Brasil.

Não temais ímpias falanges  
Que apresentam face hostil,  
Nossos peitos, nossos braços,  
São muralhas do Brasil.

Parabéns, ó Brasileiros!  
Já com garbo varonil  
Do universo entre as nações  
Resplandece a do Brasil.

### CÔRO:

Brava gente brasileira,  
Longe vá temor servil:  
Ou ficar a Pátria livre,  
Ou morrer pelo Brasil!

## VII — A Bandeira Republicana

Proclamada a República Brasileira, foi assinado o decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889, criando a Bandeira Republicana, idealizada por Miguel de Lemos e Raimundo Teixeira Mendes, desenhada por Décio Vilares e apresentada ao Marechal Deodoro da Fonseca por Benjamin Constant.(1)

Tal como a do Império, a Bandeira Republicana conserva os símbolos da tradição do povo brasileiro. Manteve o retângulo verde e o losango amarelo, substituindo o emblema do Império pela esfera celeste, atravessada por uma faixa branca, inclinada da esquerda para a direita, onde se vê, em caracteres verdes, a legenda “**Ordem e Progresso**”.

Na esfera estão 21 estrêlas, entre elas a Constelação do Cruzeiro do Sul, dispostas tôdas elas do modo como se achavam no firmamento, às 9 horas do dia 15 de novembro de 1889, quando a Constelação do Cruzeiro do Sul se encontrava no zênite, isto é, em conjunção com o meridiano do Rio de Janeiro.(2)

Essas estrêlas guardam entre si a disposição natural

---

(1) Vide “Educação Moral e Cívica”, de Sylvio B. Coelho.

Há uma versão pela qual o General Benjamin Constant foi também colaborador na confecção da Bandeira Republicana, o que nos parece aceitável ante o ardor cívico dêsse intrépido republicano, amicíssimo de Teixeira Mendes, influente decisivo na organização da Bandeira.

(2) O Capitão Ernesto Bandeira de Luna cita o General Djalma Poli Coelho, que declara que as estrêlas da esfera azul representam o céu de 15 de novembro, pelas 15 horas e não pelas 9 horas dêsse mesmo dia, como se tem publicado.

e a devida proporção. Representam os vinte Estados e o Distrito Federal, não figurando o Estado do Acre e os Territórios Nacionais porque não existiam a êsse tempo. Uma das estrêlas fica acima da faixa branca, visto como um dos Estados da Federação fica ao norte da linha equinocial.

A Bandeira Republicana é símbolo continuador das glórias e tradições do Brasil. Lembra, nas suas côres, estrêlas, faixa, lema e esfera, os tempos em que balouçavam aos ventos de todos os quadrantes do território nacional as bandeiras do Brasil-Colônia, do Brasil-Reino e do Brasil-Império.

O retângulo verde e o losango amarelo relembram, do mesmo modo que na bandeira do Império, a Casa de Bragança, a que pertencia D. Pedro, e a Casa de Lorena, donde descendia D. Leopoldina.

As côres azul e branca prendem-se à história das bandeiras que, durante muitos anos, tremularam ao sôpro da brisa das plagas brasileiras, presidindo à constituição do nosso sentimento cívico e à estruturação dos caracteres dos nossos avós.

O azul representa o céu onde fulguram estrêlas refulgentes de belas constelações. O branco indica a fraternidade, o espírito de justiça e a honra do povo brasileiro.

O lema “Ordem e Progresso” é o guia do Brasil pelo futuro em fora, no amor e na subordinação para com a Pátria e para com a família, na prosperidade, na elevação moral, no aprimorar do sentimento patriótico, na cultura intelectual, na maior grandeza do povo que há de colhêr os louros dos seus empreendimentos cívico-patrióticos. Encerra ainda uma infinidade de virtudes e marca bem vivo o espírito de união, de amor às tradições e do patriotismo no coração de todos os brasileiros.

A faixa branca representa a faixa do zodíaco e lembra a linha equinocial cortando o imenso território da Pátria Brasileira.

As estrêlas, representando os Estados e o Distrito Federal, são as seguintes:

| Constelações      | Estrêlas      | Estados             |
|-------------------|---------------|---------------------|
| Virgem . . . .    | Espiga . .    | Pará                |
| Pequeno Cão. .    | Prócion . .   | Amazonas            |
| Grande Cão . .    | Sírius. . .   | Mato Grosso         |
| Navio . . . .     | Canopus. .    | Goiás               |
| Oitante. . . .    | Sigma . . .   | Distrito Federal    |
| Cruzeiro do Sul.  | 1 - Alfa . .  | Minas Gerais        |
|                   | 2 - Beta . .  | Rio Grande do Sul   |
|                   | 3 - Gama. .   | São Paulo           |
|                   | 4 - Delta. .  | Rio de Janeiro      |
|                   | 5 - Epsilon . | Sergipe             |
| Escorpião . . .   | 1 - Antares . | Bahia               |
|                   | 2 - Beta . .  | Maranhão            |
|                   | 3 - Lambda. . | Piauí               |
|                   | 4 - Teta . .  | Ceará               |
|                   | 5 - Epsilon . | Pernambuco          |
|                   | 6 - Kapa . .  | Santa Catarina      |
|                   | 7 - Mu . . .  | Espírito Santo      |
|                   | 8 - Jota . .  | Alagoas             |
| Triângulo Austral | 1 - Alfa . .  | Paraná              |
|                   | 2 - Beta . .  | Paraíba             |
|                   | 3 - Gama. .   | Rio Grande do Norte |

Sigma, da Constelação do Oitante, é a estrêla em tórno da qual giram as demais do hemisfério sul. Foi, por isso, escolhida para representar o Distrito Federal, que é em tórno do qual giram politicamente os Estados. (3)

A poesia descobriu nas côres verde e amarelo da Bandeira Nacional as riquezas naturais do país soberbo

(3) Vide "Para ser escoteiro", de F. Floriano de Paula.

que ela representa: no verde, as florestas exuberantes, no amarelo, a riqueza mineral que dorme no seio da terra.

O genial Olavo Bilac, príncipe dos poetas brasileiros, em magistral inspiração, atribuiu ao verde “a perpétua mocidade da nossa terra e a perpétua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sôbre as nossas praias”. Quanto ao amarelo, disse o poeta: “o teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pai das nossas searas e dos nossos sonhos, nume de fartura e de amor, fruto inextinguível de alento e de beleza”. (4)

Não nos é possível ocultar a influência do positivismo na construção da Bandeira Republicana, ali expressa na legenda “Ordem e Progresso”.

Lembra-nos o Capitão Ernesto Bandeira de Luna que os pavilhões de D. João I — 1386-1433; de D. João II — 1481-1498 e da Inconfidência Mineira — 1789, possuíam legendas que definiam aspirações e desígnios positivistas. O primeiro dêles fazia-o com o “Il me plait por bien”; o segundo, com a inscrição “o amor por princípio e a ordem por base: o progresso por fim”. Temos a legenda **Ordem e Progresso** colocada em sinople sôbre a banda oblíqua de prata, mas foi omitida a palavra **amor**, que representa o terceiro sentimento integral do conjunto comtista.

As côres azul e branca que a constituem, “longe de miríades românticas ao firmamento, prendem-se à nossa filiação histórica com as côres de bandeiras passadas do povo que realizou o descobrimento oficial do nosso território, que o povoou e que, por mais de três séculos, nos educou em seus sentimentós, responsabilizando-se, assim, pelas características de nossas gerações.”

“E por que em forma de círculo? Mutação indispensável da esfera armilar conferida por D. João II (1481—1498) ao Príncipe D. Manuel, como “providencial augúrio” dos grandiosos feitos marítimos ocorridos em seu rei-

---

(4) “Oração à Bandeira”, de Olavo Bilac.

nado. É também —segundo o professor Romário Martins —“uma transformação da orla azul com estrélas de prata, regularmente enfileiradas, das Armas do Império, com o qual o Patriarca José Bonifácio, seu organizador, simbolizou a Independência e o concurso de todos os elementos americanos de origem portuguesa.” (5)

É esta Bandeira o símbolo republicano e das tradições gloriosas do nosso passado. Lembra em seu todo as aspirações e os ideais dos nacionalistas, mesmo que simplesmente místicos, do mesmo modo que nos inspira a veneração dos que se sacrificaram pela grandeza e pela felicidade do Brasil.

A Bandeira Nacional relembra as conquistas pacíficas da Abolição e da República, os triunfos militares, as vitórias diplomáticas, tais como a do Amapá, a das Missões, do Oiapoque, do Acre, da Ilha da Trindade, onde, para assegurar o direito de posse, a bandeira da Inglaterra cedeu, no mastro, o lugar para o “pavilhão auri-verde” com a esfera azul do céu; mostra-nos as glórias da cultura intelectual dos nacionais, tais como a de Rui Barbosa, de Joaquim Nabuco, que fizeram-na desfraldar aos olhos estrangeiros, em homenagem sincera e justa ao espírito genial dos brasileiros, ali genuinamente representados.

A Bandeira Nacional relembra, ainda, a figura indômita do Padre José de Anchieta argamassando a nacionalidade. Cândido Rondon, bandeirante hodierno, penetrando nas florestas centrais e levando a civilização ao ameríndio, com o calor de um patriotismo sadio e sob a égide do amor fraternal, feitos que nos sacodem de emoção a alma tôda inteira.

É ela que nos acorda os sentimentos mais sagrados e nos oferece o seu manto protetor nos transe agudos

---

(5) Da “A Bandeira do Brasil”, artigo citado do Capitão Ernesto Bandeira de Luna. Gustavo Barroso contesta que José Bonifácio houvesse influido na confecção da Bandeira do Império, afirmando que o seu autor havia sido o francês João Batista Debret.

de perigo, quando é periclitante a integridade do Brasil, tanto quanto nos faz exaltar de júbilo nos dias de glória nacional. É ela que nos desperta para as lutas cotidianas, nos encoraja para os embates da vida e nos cinge a fronte com os louros das vitórias.

O culto da Bandeira é dos maiores deveres cívicos, pois que nenhum outro símbolo representa a Pátria tão expressivamente, nem fere tão vivo o íntimo de nosso coração.

---

### QUESTIONÁRIO

Quem idealizou a Bandeira Republicana? Que símbolo republicano recebeu a Bandeira? Que representam as estrêlas na esfera azul? Que relembra o verde da Bandeira Nacional? Que representa o amarelo? Que representa a esfera azul? Que disse o poeta Olavo Bilac sôbre as côres da Bandeira Republicana? Que significa a legenda "*ORDEM E PROGRESSO*"?

---

### EXERCÍCIO

Complete as seguintes proposições:

Sigma, da Constelação do Oitante, é a estrêla que representa..... A Bandeira Nacional lembra..... dos brasileiros que se sacrificaram por nobres ideais. Cândido Rondon, bandeirante hodierno, levou com ardor a..... ao ameníndio. É a Bandeira que nos encoraja para as lutas em defesa da..... do Brasil.

## Hino da Proclamação da República

Letra de Medeiros e Albuquerque  
Música de Leopoldo Miguez

Seja um pálio de luz desdobrado,  
Sob a larga amplidão dêstes céus,  
Êste canto rebel que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hino de glória que fale  
De esperanças de um nôvo porvir!  
Com visões de triunfos embale  
Quem por êle lutando surgir!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sôbre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.

Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre país...  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tiranos hostis.  
Somos todos iguais! Ao futuro  
Saberemos, unidos, levar  
Nosso augusto estandarte que, puro,  
Brilha, avante, da Pátria no altar!

Liberdade! Liberdade! etc.

Se é mister que de peitós valentes  
Haja sangue no nosso pendão,  
Sangue vivo do herói Tiradentes  
Batizou êste audaz pavilhão!  
Mensageiros da paz, paz queremos,  
È de amor nossa fôrça e poder;  
Mas da guerra nos transes supremos  
Heis de ver-nos lutar e vencer!

Liberdade! Liberdade! etc.

Do Ipiranga é preciso que o brado  
Seja um grito soberbo de fé!  
O Brasil já surgiu libertado  
Sôbre as púrpuras régias de pé!  
Eia, pois, Brasileiros, avante!  
Verdês louros colhamos louçãos!  
Seja o nosso país triunfante  
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade! etc.

## VIII — A Bandeira Nacional,



sua força e em toda a sua pujança.

**Seu uso**

Credora do respeito de todos os brasileiros e não

menos dos estrangeiros que à sua sombra procuram abrigo e proteção, deve existir nos Estados Maiores das Fôrças Armadas, na Casa da Moeda e na Escola Nacional de Música, nas Embaixadas, Legações e Consulados do Brasil; nos Museus Históricos Oficiais e nos Quartéis Gerais das Regiões Militares; nos Comandos das Unidades Militares de terra, mar e ar, nas Capitánias dos Portos, nas Alfândegas e nas Prefeituras Municipais.

Deve ser hasteada de sol a sol, isto é, das 8 às 18 horas. À noite é permitido o seu uso, desde que seja convenientemente iluminada.

Será obrigatòriamente hasteada nos dias de festa e de luto nacional, em tôdas as repartições públicas federais estaduais e municipais, nos estabelecimentos particulares de ensino sob fiscalização federal, onde ainda será hasteada, pelo menos, uma vez por semana, e bem assim, em quaisquer outros institutos particulares de assistência, letras, artes, ciências e desportos.

O seu hasteamento, salvo motivo de fôrça maior, far-se-á sempre com solenidade. Os estabelecimentos de ensino são obrigados a manter a Bandeira Nacional em lugar de honra, quando não estiver hasteada.

Diariamente será a Bandeira Nacional hasteada :

- a) no Palácio da Presidência da República;
- b) na residência do Presidente da República;
- c) nos Palácios dos Ministérios;
- d) na Câmara dos Deputados, no Senado Federal, no Supremo Tribunal Federal, Supremo Tribunal Militar, nos Tribunais de Apelação do Distrito Federal e dos Estados, nos Palácios dos Governos Estaduais, nas Prefeituras Municipais e nas repartições federais, estaduais e municipais situadas nas regiões fronteiriças, durante as horas, respectivamente, das sessões, audiências e expedientes;
- e) nas Unidades da Marinha Mercante, de acôrdo com as leis e regulamentos da navegação, polícia naval e praxes internacionais.

No dia 19 de novembro de cada ano, o hasteamento e o arriamento da Bandeira Nacional realizar-se-ão em hora e com as solenidades especiais determinadas pelas autoridades. (1)

Não ficará sob o arbítrio de qualquer cidadão o uso da Bandeira Republicana.

A lei federal regula o seu uso do seguinte modo :

Quando hasteada em janela, porta, sacada ou balcão, ficará no centro, se isolada; à direita, se houver bandeira de outra nação, pavilhão de instituições, corporações e associações; ao centro, se figurarem diversas bandeiras perfazendo número ímpar; em posição que mais se aproximar do centro e à direita desta, se, figurando diversas bandeiras, a soma delas formar número par;

Quando em préstito ou procissão, não será conduzida em posição horizontal e irá ao centro da testa da coluna, se isolada; à direita da testa da coluna, se houver outro bandeira; à frente e ao centro da testa da coluna, dois metros adiante da linha formada pelas demais, se houver três ou mais bandeiras;

Se distendida e sem mastro, em rua ou praça, entre edifícios ou em portas, será colocada de modo que o lado maior do retângulo esteja em sentido horizontal e a estrêla isolada em cima;

Quando aparecer em sala ou salão, por motivo de reuniões, conferências ou solenidades, ficará estendida ao longo da parede, por trás da cadeira da presidência ou do lado da tribuna, sempre acima da cabeça do respectivo ocupante e colocada pelo modo indicado no parágrafo anterior;

Quando em florão, sôbre escudo ou outra qualquer peça que agrupe diversas bandeiras, ocupará o centro,

---

(1) Vide Decreto-Lei n. 7.079, de 19 de março ds 1946, que dá nova redação ao Decreto-Lei n. 4.545, de 21 de julho de 1945.

não podendo ser menor do que as outras, nem colocada abaixo delas;

Quando hasteada em mastro ou içada em adriça, ficará no tópo, lais ou penol<sup>(2)</sup>; se figurar juntamente com bandeiras de outra nação, ou pavilhão ou flâmula de autoridade federal, será colocada à mesma altura; se figurar com pavilhões de unidades militares ou bandeiras representativas de instituições, corporações ou associações, será colocada acima;

Quando em funeral: para o hasteamento será levada ao tópo, antes de baixar à meia adriça ou ao meio mastro, e subirá novamente ao tópo, antes do arriamento; sempre que fôr conduzida em marcha, será o luto indicado por um laço de crepe atado junto à lança;

Quando distendida sôbre ataúde, no enterramento de cidadão que tenha direito a esta homenagem, ficará a tralha do lado da cabeça do morto e a estrêla isolada à direita, devendo ser retirada por ocasião do sepultamento.<sup>(3)</sup>

Ao ser hasteada ou arriada, deve ela ser recolhida em mãos de modo que não toque ao solo.

Considera-se lado direito nas janelas, portas, sacadas e balcões, o lugar que fica à direita do observador colocado nesses pontos, de frente para a rua; observe-se critério análogo para a determinação do lado direito em qualquer outro local.

No caso de ser hasteada em janela, porta ou sacada, o mastro ou haste deverá estar em plano vertical normal à fachada, a prumo ou inclinada para fora, com relação à vertical, no máximo até trinta graus.

Sòmente porde terminação do Presidente da República, será a Bandeira Nacional hasteada em funeral, não podendo ser, todavia, nos dias feriados. O hasteamento po-

---

(2) Lais é a ponta da verga dos mastros dos navios, Penol, ponta da verga, nos navios, lais superior da verga.

(3) Vide Decreto-Lei n. 4.545, citado.

derá ser feito a meio mastro ou a meia adriça, de acôrdo com as disposições relativas às honras fúnebres dos cerimoniais das fôrças armadas, ou conforme o uso internacional.

Na ocasião em que deve ser efetuado outro hasteamento, o da Bandeira Nacional far-se-á em primeiro lugar, e o seu arriamento, neste caso, será feito por último.

Para homenagens a nações estrangeiras e a autoridades nacionais e estrangeiras, assim como na ornamentação de praças, jardins ou vias públicas, é facultativo o uso da Bandeira Nacional, juntamente com as de outras nações, podendo ser colocada em mastros ou postes, escudos ornamentais, ao redor dos quais se disponham as bandeiras, dando-se sempre à Bandeira Nacional a situação descrita acima e a mesma altura das estrangeiras.

### Homenagens

A legislação previa, também, as demonstrações de respeito a que todo o cidadão é obrigado para com o Pavilhão Nacional.

Durante as cerimônias de hasteamento e arriamento da Bandeira Nacional, nas ocasiões em que ela se apresentar em marcha ou cortejo, assim como durante a execução do Hino Nacional, é obrigatória a atitude de respeito, conservando-se todos de pé e em silêncio. Farão os militares a continência regulamentar. Os civis do sexo masculino descobrir-se-ão. Poderão os civis de ambos os sexos colocar a mão direita espalmada ou o chapéu sobre o coração.

Os estrangeiros não poderão eximir-se do comportamento determinado para os nacionais.

O exemplar da Bandeira Nacional que deixar de ser usado por se achar em mau estado de conservação, poderá ser entregue ao comando de qualquer unidade militar, a fim de ser incinerado. Não será, porém, incinerado, mas recolhido ao Museu Histórico Nacional, o exem-

plar da Bandeira Nacional ao qual esteja ligado qualquer feito de revelante significação na vida do país.

A cerimônia de incineração realizar-se-á a 19 de novembro de cada ano, levantando-se para tal fim uma pira no pátio do quartel militar em que deva ser feito, ou em praça pública escolhida para êsse fim.

### Proibição

A lei prescreve que é vedado o uso dos símbolos nacionais que não se revistam da forma exata ou não se apresentem do modo previsto nas leis em vigor.

É vedada qualquer outra forma de saudação à Bandeira que não sejam as mencionadas em lei.

Ninguém poderá tratar a Bandeira Nacional com desrespeito.

É igualmente vedado o uso da Bandeira Nacional:

a) Sempre que o exemplar não estiver em bom estado de conservação;

b) Como ornamento ou roupa, nas casas de diversões ou em qualquer ato que não se revista de caráter oficial;

c) Como reposteiro ou pano de boca, guarnição ou revestimento de tribunas, cobertura de placas, retratos, painéis ou monumentos a serem inaugurados;

d) Por qualquer pessoa natural ou entidade coletiva para a prestação de honra de caráter particular;

e) Integralmente ou em qualquer de suas partes, em rótulos ou envolucros de produtos expostos à venda, e bem assim na propaganda ou qualquer outro ato ou expediente de natureza comercial ou industrial.

Nenhuma bandeira de outra nação poderá ser usada no país sem que flutui, ao seu lado direito, de igual tamanho e em posição de relêvo, a Bandeira Nacional,

salvo nas sedes das representações diplomáticas ou consulares.

### Penalidades

Incluem-se entre os crimes de que trata o artigo 3º do Decreto-Lei nº 431, de 18 de maio de 1938, e serão punidos com a pena de seis meses a um ano de prisão:

a) Quem praticar, em lugar público, ato que se traduza em menosprêzo, vilipêndio ou ultraje a qualquer dos símbolos nacionais;

b) Quem despertar, ou tentar despertar, por palavras ou por escrito, contra qualquer dos símbolos nacionais, a repulsa ou o desprêzo público.

A violação de qualquer disposição legal relativa aos símbolos da nacionalidade, excluídos os casos supra-referidos, sujeita o infrator a multa de cem a quatrocentos cruzeiros, elevada ao dôbro nos casos de reincidência.

A autoridade policial que tomar conhecimento dessa infração, notificará o autor para apresentar defesa dentro do prazo de quarenta e oito horas, findo o qual proferirá a decisão, impondo ou não a multa. Antes de proferir a decisão, a autoridade poderá determinar a realização, dentro do prazo de dez dias, de diligências esclarecedoras, se julgar necessárias ou se a parte o requerer.

Imposta a multa, e uma vez homologada a sua imposição pelo juiz, que poderá proceder a uma instrução sumária, no prazo de dez dias, far-se-á a respectiva cobrança, ou a conversão em pena de detenção na forma da lei penal.

---

## QUESTIONÁRIOS

Onde deve existir a Bandeira Nacional? A que horas deve ser hasteada a Bandeira Nacional? A que horas deve ela ser arriada? Em que dias deve-se obrigatòriamente hastear a Bandeira Nacional? Onde é que diàriamente a Bandeira deve permanecer hasteada? Como se realizarão as homenagens à Bandeira no dia 19 de novembro?

Quem poderá determinar o hasteamento da Bandeira Nacional em funeral? Como se distingue o lado direito em janela, porta ou sacada, a fim de ser colocada a Bandeira Nacional? Como deve ser ela colocada em salão para conferências, reuniões ou qualquer solenidade? Que se deve fazer com os exemplares da Bandeira que, por estragados, não se prestem mais ao uso no culto da Pátria? Quando e onde se deve manter, obrigatòriamente, a Bandeira Nacional nos estabelecimentos de ensino? Quando em préstito, onde deve ser colocada a Bandeira Nacional?

---

## EXERCÍCIO

Complete :

Quando hasteamos em janela, porta, sacada ou balcão, a Bandeira Nacional, se isolada, ficará ..... mas, se houver Bandeira de outra nação, ficará..... Se figurarem diversas Bandeiras perfazendo número ímpar, será a Bandeira Nacional colocada ....., mas, se a soma delas fizer número par, a Bandeira Nacional ficará .....

## HINO À BANDEIRA

Letra de Olavo Bilac

Música de Francisco Braga

Salve, lindo pendão de esperança,  
Salve, símbolo augusto da paz!  
Tua nobre presença à lembrança  
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra  
Em nosso peito juvenil,  
Querido símbolo da terra,  
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas  
Este céu de puríssimo azul,  
A verdura sem par dessas matas  
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Recebe o afeto, etc.

Contemplando o teu vulto sagrado,  
Comprendemos o nosso dever,  
E o Brasil, por seus filhos amado,  
Poderoso e querido há de ser.

Recebe o afeto, etc.

Sôbre a imensa nação brasileira,  
Nos momentos de festa ou de dor,  
Paira sempre, sagrada bandeira,  
Pavilhão de justiça e de amor.

Recebe o afeto, etc.

## IX — O culto da Bandeira

### O dia 19 de novembro

“Auri-verde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que a luz do sol encerra,  
As promessas divinas da esperança...”

Castro ALVES.

Não é fetichismo nem idolatria cultivar o amor à Bandeira Nacional, desde que não rendemos homenagem ao conjunto material que a compõe, mas à Pátria que ela simboliza.

É ao Brasil que levamos o amor acrisolado e votamos a gratidão que nos inspiram os feitos heróicos dos nossos antepassados, feitos guerreiros aureolados de glórias, feitos pacíficos de concórdia e de fraternidade que brilharam e engrandeceram as inteligências mais soberbas e distinguiram os caracteres da raça mestiça em tôda a eclosão, sua coragem e denôdo, intrepidez e bravura.

Daí a necessidade que sentimos, desde logo, de lhe consagrar um dia para a sua festa, para o tributo que lhe devemos prestar, todos nós, filhos que somos do país colosso que ela representa.

É espontâneo o culto da Bandeira e brota do íntimo de cada coração fervoroso. Ainda assim, foi instituído o dia 19 de novembro, data do decreto da sua criação, para que lhe sejam prestadas as homenagens devidas pela cultura cívica dos jovens e adolescentes, moços e velhos conscientes das suas responsabilidades de bons brasileiros.

Para a instituição desse dia, que se comemorou pela primeira vez em 1908, cooperaram diversos patriotas de renome, dentre os quais Manuel Tavares da Costa Miranda, nosso conterrâneo, Olavo Bilac, o príncipe dos poetas nacionais, autor do Hino à Bandeira, e o Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, diplomata que resolveu pacificamente várias dissensões de limites do Brasil e dilatou, em consequência, o território nacional, com a fôrça da sua cultura e o incomparável prestígio que desfrutava no exterior.

A 19 de novembro de cada ano, desde então, reúnem-se em tórno do pavilhão augusto de nossa nacionalidade, as fôrças mentais, econômicas e sociais, os jovens e as crianças das escolas, as associações de classes, os funcionários civis e das autarquias, os operários das indústrias e das artes, os homens do comércio e da agricultura, todos os que sentem palpitar no peito um coração brasileiro, para, ao lado das fôrças militares de terra, mar e ar, lhe prestarem nos quartéis, nas fortalezas, nos navios de guerra ou mercantes, nas sedes dos serviços ou nas praças públicas, o tributo do aprêço incondicional, do amor acrisolado e da gratidão intérrmina pelo quanto ela inspirou aos construtores da nacionalidade os frutos que assinalam a nossa prosperidade, o respeito que lhe devemos e a solidariedade que nos votam os povos irmãos.

É nesse dia que para êle se voltam as atenções especiais de todos os brasileiros, dentro da Pátria e mais ainda fora dela, onde a saudade dos panoramas do Brasil, do clima de incomparável doçura e da luz irradiante do sol do ocidente, tocam mais de perto à nossa sensibilidade, onde a saudade dos nossos irmãos e o amor dos nossos antepassados reflui, para falar, mais vivamente, à nossa alma, tôda sentimento, ternura e afeto.

É no dia 19 de novembro de cada ano que vão arder na pira das praças públicas ou dos quartéis, as Bandeiras que, de estragadas e sem côr, já não se prestam para o culto da Pátria e para o uso cotidiano. O respei-

to que lhes devemos e a veneração que nos inspiram não nos permitem outro destino que não seja a cremação, redução a cinzas, tal como, reverentemente, os países mais civilizados o fazem com os entes queridos, quando desaparecidos dentre os vivos.

A Bandeira Nacional, símbolo mais vivo da Pátria, tem, pois, o seu culto a mais significativa exteriorização do respeito que lhe devemos, do amor que lhe tributamos todos os que são possuídos dos altos sentimentos da mais pura brasilidade.

---

## QUESTIONÁRIOS

Por que temos necessidade de consagrar um dia ao culto da Bandeira Nacional? Que dia foi escolhido para a homenagem especial à Bandeira Republicana? Quando foi comemorado pela primeira vez o Dia da Bandeira? Quais os brasileiros que mais cooperaram na instituição do Dia da Bandeira? Por que modo é comemorado o dia 19 de novembro? Que se faz a 19 de novembro com os Pavilhões Nacionais que não se prestam mais ao culto da Pátria?

---

## EXERCÍCIO

Complete:

A 19 de novembro de cada ano reúnem-se os ..... em torno do Pavilhão do Brasil para homenageá-lo com especiais demonstrações de civismo. É a 19 de novembro que se voltam para o ..... as principais atenções de todos os bons brasileiros, especialmente se estão fora da Pátria. O respeito que nos inspira a Bandeira Nacional não permite que se dê outro destino, senão a ....., aos exemplares que não se prestem mais ao uso cotidiano.

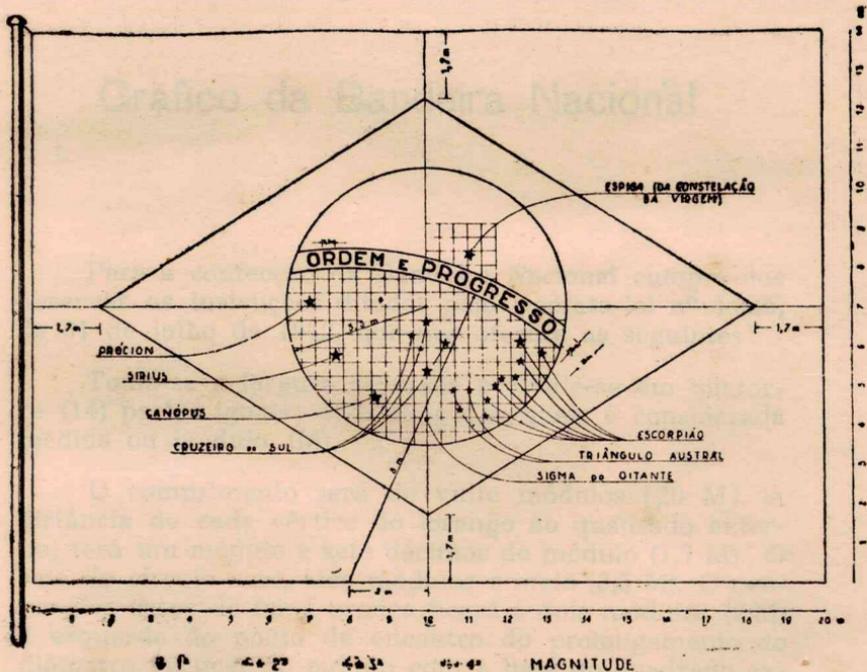


Gráfico da Bandeira Nacional

## Gráfico da Bandeira Nacional

Para a confecção da Bandeira Nacional cumpre-nos observar as instruções ditadas pelo Decreto-lei nº 4.545, de 31 de julho de 1942, que nos oferece as seguintes:

Toma-se a largura desejada e divide-se em quatorze (14) partes iguais; cada uma das quais é considerada medida ou **módulo**. (M).

O comprimento será de vinte módulos (20 M). A distância de cada vértice do losango ao quadrado exterior, terá um módulo e sete décimos de módulo (1,7 M). O raio do círculo azul, três módulos e meio (3,5 M). O centro dos arcos da faixa branca ficará a dois módulos (2 M) à esquerda do ponto de encontro do prolongamento do diâmetro vertical do círculo com a base do quadrado exterior (ponto **c** do desenho da fôlha anterior). O arco do raio inferior da faixa branca, oito módulos (8 M). O raio do arco superior da faixa branca, oito módulos e meio (8,5 M). Largura da faixa branca, meio módulo (0,5 M). As letras da legenda **Ordem e Progresso** serão escritas em côr verde e colocadas no meio da faixa, ficando para cima e para baixo um espaço igual. A letra **P** ficará sôbre o diâmetro vertical do círculo. As letras da palavra **Ordem** e da palavra **Progresso** terão de altura um têrço do módulo..... (0,33 M) e de largura três décimos (0,3 M). A altura da conjunção **E** será de três décimos do módulo (0,3 M) e a largura de um quarto (0,25 M). As estrêlas terão quatro dimensões: de primeira, de segunda, de terceira e de quarta grandeza, e devem ser traçadas dentro de círculos cujos diâmetros serão, respectivamente, de três décimos

(0,3 M), vinte e cinco centésimos (0,25 M), um quinto, ou sejam, dois décimos (0,02 M) e um sétimo do módulo, ou sejam, quatorze centésimos (0,14 M) do módulo.

As duas faces da bandeira devem ser exatamente iguais e a faixa branca inclinada da esquerda para a direita (do observador que a olhar de frente). O Escorpião ficará à direita, o Cruzeiro do Sul no meio, Procion, Sírius e Canopus, à esquerda, seguindo, no mais, as minudências indicadas no modêlo—desenho já citado.

É vedado fazer-se uma face como se fôra o avêso da outra.

Para a exata disposição das estrêlas, poder-se-á dividir o círculo azul em quadrículas. Entre outros pontos que merecem atenção, deve-se notar que Espiga, da constelação da Virgem, deve ficar acima da faixa branca, correspondendo à terceira letra da palavra **Progresso**; que Procion fica sôbre a letra **O** da palavra **Ordem**; que a estrêla mais da direita da constelação do Escorpião fica sôbre a última letra de **Progresso**; que as estrêlas do Sigma do Oitante, Alfa e Gama, do Cruzeiro do Sul, e a letra **P** da palavra **Progresso** ficam sôbre o diâmetro vertical do círculo.

---

NOTA. - Trecho da descrição feita por Teixeira Mendes das constelações que figuram na Bandeira Nacional, com as estrêlas representando os Estados da Federação Brasileira:

“Figurou-se a esfera inclinada sôbre o horizonte segundo a latitude do Rio de Janeiro, e assinalou-se o Polo Sul pelo Sigma do Oitante, que tornou-se o símbolo natural do município neutro. Escolheram-se constelações astrais, com exceção do Pequeno Cão, que forneceu Procion para significar que a União Brasileira tem um Estado que se estende ao Hemisfério Norte. Esta constelação fica ao Norte do Equador e ao Sul da Eclí-

tica. As outras constelações escolhidas foram, além da do Cruzeiro, convenientemente destacada, o Triângulo Astral, o Escorpião, a Virgem (Espiga), Argos (Canópo) e o Grande Cão (Sírio). A Virgem tem parte no hemisfério Norte e parte no hemisfério Sul, estendendo-se aquela acima da Eclíptica. A sua estrêla mais bela, a Espiga, pertence ao nosso hemisfério, e a essa estrêla está ligada a memória da descoberta da possessão dos equinócios pelo fundador da astronomia, o imortal Hiparco. Ela não podia, pois, deixar de ser escolhida. Na bandeira ela está figurada acima da Eclíptica, para quebrar a monotonia do hemisfério boreal. Procion, que é a única estrêla das escolhidas que está no hemisfério Norte, não podia ser colocada acima da Eclíptica, porque a constelação está ao Sul dessa linha. A liberdade estética, pelo contrário, permitia colocar Espiga acima da faixa representativa do Zodíaco, por se tratar de uma constelação que tem parte acima e parte abaixo do plano da órbita terrestre, e de uma estrêla que bastaria uma pequena variação da inclinação dêsse plano para transportá-la ao Norte dêle. Mas ela foi representada junto da faixa.”

(Transcrito do folheto “Dia da Bandeira”, de autoria do General Armando de Moraes Âncora).

---

## X — As côres nacionais

Bem maior do que poderíamos supor é o respeito que devemos aos símbolos da nacionalidade.

O frêmito patriótico, o prazer íntimo que faz vibrar a alma do povo em freqüentes oportunidades — crianças, jovens ou adultos — traz-nos o anseio de termos a Bandeira Nacional nas reuniões ou festividades em que desejamos presente a Pátria dos nossos anelos.

As leis, porém, não nos permitem, senão em casos excepcionais. Claro é que devemos evitar a sua vulgarização. A presença constante em múltiplas oportunidades, tornaria menos valiosa a sua influência na alma do povo. Como evitar-se, porém, por outro lado, que, pela ausência dêsse símbolo, viesse a ser sufocado o entusiasmo, o patriotismo, o sentimento cívico latente na alma nacional, quando deve ser interêsse de todo cidadão cultivá-lo, desenvolvê-lo?

Os genuínos brasileiros, os legítimos patriotas, encontraram maneira feliz de resolver o problema. Zelosos dos próprios deveres cívicos, tanto quanto das prerrogativas da coletividade, os nossos legisladores ofereceram, como solução conciliatória, a lei que instituiu as côres nacionais—o verde e o amarelo—prescrevendo simultaneamente o seu uso.

Inspiraram-se, certamente, no gesto do jovem Príncipe D. Pedro aceitando a côr verde para simbolizar a Independência, distribuindo, em consequência, fitas dessa côr entre os amigos da côrte e políticos notáveis da épo-

ca. Era uma das côres firmadas no Pavilhão do Império recém-criado, e que passariam, mais tarde, a integrar o lábaro republicano.

Para as ornamentações em geral e nos casos em que é vedado o uso do Pavilhão Republicano, deverão, pois, ser empregadas as côres nacionais em galhardetes, flâmulas, painéis, escudos, etc., de qualquer modo, contanto que não se assemelhem em disposições ou formas, à Bandeira Nacional.

Sábria e oportuna resolução legislativa, que oferece guarida para as arrancadas cívico-patrióticas desejosas de memorar as riquezas do solo e exaltar a honra nacional sem ferir a sutileza da mística plantada por Teixeira Mendes e Benjamin Constante.

Agremiações sociais, recreativas, desportivas, literárias, tôdas encontrarão, assim, nas expressivas côres verde e amarela, o motivo para acordar o entusiasmo latente, sacudir a alma dos jovens, inspirar o respeito e a admiração pelas causas nacionais, solidificar o elo espiritual que os une em perfeita comunhão de idealismo, tornando o povo resoluta, decidido, capaz de impulsionar para a vanguarda, sempre e sempre, à sombra dos estandartes ou das flâmulas bicolores, todos os que se agasalham sob a sua protetora sombra.

Alegria indefinível é a que produz no coração dos filhos da Terra de Santa Cruz o verde-amarelo da Independência Brasileira.

---

## QUESTIONÁRIO

Quais são as cores nacionais? O que determinou a instituição das cores nacionais? Sob o ponto de vista patriótico, há vantagem no uso das cores nacionais? Quando devem elas ser preferidas à Bandeira? Na organização de flamulas com as cores nacionais, devemos observar alguma disposição legal? Podem as cores nacionais influir em nossa formação patriótica?

---

## EXERCÍCIO

Complete:

Os genuínos patriotas encontraram nas..... maneira feliz de evitar que se vulgarize a Bandeira. O uso freqüente da..... diminuiria o respeito e a veneração que lhe devemos. Na organização do..... com as cores nacionais, devemos evitar que se assemelhem à Bandeira quer pela forma, quer pela disposição que lhes dermos. Tôdas as instituições culturais ou recreativas encontram nas..... meio com que respeitar a mística da Bandeira?

## XI — Minha terra está na Bandeira

Que saudades me inspira a casinha onde nasci !

O regato de águas marulhosas onde os bem-te-vis saciavam a sede em vôos furtivos, os gorjeios dos pássaros em profusão, ariscos, porém, alegres; o sussurro da ventania nas copas das árvores; o canto dos galos nas madrugadas quietas. A melancolia do pôr-do-sol emprestando à terra nuances de sanguíneo por trás das nuvens superpostas; a ternura da lua cheia beijando a fronde dos arbustos e brincando esconde-esconde na orla da mata; o pisca-pisca dos pirilampos nas brumas nostálgicas das noites sem luar. O gargantear das seriemas depois da chuva ligeira; o estrídulo impertinente das cigarras ao prenúncio da noite; o mugir do gado no aprisco. Os brados ininterruptos dos quero-quero vigilantes, insones e destemerosos; o esvoaçar das asas pandas das garças fúgitivas; o resfolegar das locomóveis quebrando os colmos sacarinos; o odor característico do melado fervente. Tudo fala à minha alma da terra querida onde nasci, à qual os fandangos e os pastoris emprestavam colorido particular e doce poesia.

Onde estão os frutos sazonados pendentes dos ramos prenes de seiva das árvores acolhedoras, que tanto aguçavam a minha gulodice de criança?

Que é do coqueiral farfalhante à branda viração?

Onde estão os marrecos atrevidos, habitantes das margens das lagoas tranqüilas?

Para onde levaram os rosários de pipocas e de castanhas de caju dos tempos de minha infância?

Que é feito dos padrinhos e compadres de fogueira nas noites frias de São João, saudadas com o espocar dos fogos e das roqueiras?

Que magia no regougo do mar desmanchando-se em espumas e espalhando-se no extenso areial das praias desnudas!

Tudo isso me traz a doce recordação da terra querida dos meus afetos mais legítimos.

Para guardar em meu peito êsse tesouro de sadias recordações é que hoje ofereço à minha Pátria um pouco do meu ser, a fim de assegurar-lhe a integridade absoluta e preservá-la contra a possível interferência de estranhos no seu domínio, tentando destruir em vez de valorizar êsse recanto de excelsa magia, que é todo o meu deleite, todo o meu encantamento.

Êste afeto que em mim transborda, dilata-se, expande-se para atingir em tôda a sua amplitude o extenso território brasileiro, desde o Amapá ao Rio Grande, tanto na planície amazônica quanto nas cochilas do sul, onde não haverá lugar para o invasor estrangeiro porque do amor de seus filhos emanará o enérgico protesto e a intrépida reação contra o conquistador ousado.

Tôdas essas relíquias, enlevos da minha alma de brasileiro, eu antevejo estereotipadas nas fimbrias da bandeira tricolor da minha Pátria, que sinto tremular viva, balouçante, dentro do meu ser, como se tudo aquilo estivesse constituindo parte integrante da minha própria vida.

Também vós, amigo leitor, haveis de encontrar na Bandeira Nacional a recordação viva e perene dos dias da vossa infância e juventude. Nela encontrareis, estou certo, os brinquedos infantis—automóveis e aviões de matéria plástica, ou as bonecas de cabelos naturais, que dormem, que choram, que andam, que dão beijos; as festas de aniversários dos coleguinhas com os petitosos bo-

los, sorvetes e guaraná; as competições desportivas e a praia encantadora de freqüentes correrias em pleno rigor do sol de estio; os dias vividos nas fazendas e nos sítios de frutos abundantes e variados, com a água de côco-verde e o melado de raspaduras; os banhos insaciáveis nos rios e nos açudes, as excursões a cavalo, sucessivos contatos com a natureza, com a terra maternal.

Tudo isso, leitor amigo, haveis de encontrar no colorido estôfo do mais puro e mais legítimo símbolo do Brasil.

Que Deus possa conceder-me a graça inefável de ver a minha Pátria sempre integral, uniforme, querida e respeitada, marchando avante, em busca do progresso crescente que enobrece e fortifica, sob o pálio de sua Bandeira com as características sublimes de sua contextura fascinante.

Com a majestade do teu porte adejando à branda viração, Bandeira do Brasil, acariciazte os dias da minha infância trêfega e descuidosa, que ora me enchem de infindas e ternas saudades. Dá-me sempre o calor do teu regaço amigo, onde antevejo as doçuras angelicais da terra pequenina e modesta em que nasci e com as quais o meu coração, pleno de amor, tanto se conforta e enternece.

---

## REDAÇÃO

Faça um resumo do capítulo acima.

---

## EXERCÍCIO

Complete :

Conservo grandes recordações ..... em que nasci. Ela é um pedaço da ..... O afeto que dedico à minha terra expande-se e chega até o .....

A Bandeira Nacional ..... igualmente a terra de meu berço. Porque amo a terra em que nasci, amo o Brasil e venero ..... que o simboliza.

## XII — A Bandeira do 34 Batalhão de Infantaria

A Bandeira é, realmente, o símbolo que maior efusão desperta em nossa alma.

É o que excita o amor à terra e à gente, à tradição e aos costumes, o que mais inspira a confiança nos destinos de um povo. É ele que toca profundamente no âmago dos corações, estimulando os indivíduos para as lutas incessantes em busca de um ideal.

O patriotismo é latente na alma do homem. Se desenvolvido, estimulando as energias, é força para realizar os mais arrojados cometimentos, porque tem o dom de despertar a veneração por tudo quanto lembra a terra do nascimento.

Em 1891 organizou-se em Natal, o 34 Batalhão de Infantaria, unidade militar quase constituída de voluntários norte-riograndenses. Já estava evidente que os filhos do norte se revelavam possuídos de alto sentimento de responsabilidade e devotamento pela causa nacional, ora nas forças militares do exército e da marinha, únicas na época, ora nas funções civis, onde quer que fôssem chamados para os cargos públicos.

A mulher potiguar, herdeira legítima da bravura de Clara Camarão, não se deixou quedar indiferente ante as vibrações da alma de seus irmãos. Quando se dera a organização do 34, a mulher potiguar, numa das suas arrancadas cívicas, ofereceu àquela unidade militar suntuosa

bandeira de sêda, bordada a ouro. Fizera-o em solene festividade, com frêmitos de ardor patriótico, ao som estridente das cornetas e aos acordes maviosos do Hino Nacional. Deveria ela engalanar a testa da coluna de bravos ao desfilarem, garbosos, pelas ruas da cidade nos dias de festa nacional, tremulando à brisa do nordeste e objectivando a solidariedade de mães devotadas, de irmãs afetuosas e noivas estremecidas com os varões decididos espontâneamente ao serviço da Pátria comum.

Não tardou, porém, que o valoroso batalhão fôsse convocado para bater os fanáticos de Canudos. O povo de Natal acompanhou-o ao pôrto de embarque, saudando aquêlo pugilo de patriotas e encorajando-o para a vitória naquele batismo de fogo, em defesa do regime e da tranqüilidade da família brasileira.

O entusiasmo atingiu a proporções nunca vistas até então. O Dr. Segundo Wanderley, poeta condoreiro dos mais festejados da época, recitou versos da sua autoria, incentivando os valentes soldados ao cumprimento fiel dos elevados deveres patrióticos.

A Bandeira de sêda, bordada a ouro, nesga do coração da mulher potiguar, seguiu à frente da tropa, beijada pelos ventos brandos daquela tarde de verão, quebrados nas encostas dos morros circunjacentes da cidade de Natal, sob as aclamações ruidosas da massa popular, empunhada pelo braço do mais jovem dos oficiais, tal como ainda hoje se costuma fazer, obedecendo a uma praxe militar, para significar, talvez, que a mocidade é, preferentemente, a guarda da integridade da Pátria e da honra nacional.

Em dezembro de 1897, o Batalhão voltou a Natal coberto de glórias.

Em uma tarde de luz e de sol, o Batalhão desfilou pelas ruas da cidade, sob os aplausos frementes da multidão, e, com êle, sustido pela mão do mesmo oficial mais môço

da corporação, o troféu, a Bandeira de sêda, bordada a ouro, mutilada pelas refregas dos combates, crivada de balas, esfarrapada, tisonada pelo fumo da fusilaria, porém, soberba, altaneira, opulenta, coberta de glória. Não serviria mais para ocupar a testa das fileiras, mas seria o testemunho vivo da bravura potiguar. A mulher norte-riograndense não tardaria a substituí-la por outra não menos rica, pois que, além da preciosidade material, ela premiava o heroísmo de seus irmãos. A primitiva ficaria no quartel, em lugar de honra, para ser contemplada pelos visitantes, evidenciando a bravura indômita do soldado potiguar.

Quando, em 1909, se verificou a reorganização do Exército Nacional, o 34 Batalhão foi dissolvido. O nosso conterrâneo, então Tenente Ezequiel Medeiros, vendo que a Bandeira histórica fôra baixada em consumo, solicitou-a e dela fêz presente ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Ali ainda se encontra, descorada e esfarrapada, porém, ativa e heróica, traduzindo para a posteridade aquela página de heroísmo.

O Dr. Manuel Dantas, sócio do Instituto, fêz a entrega em sessão solene, no dia 4 de julho de 1909, recebendo-a o Dr. Manuel Olímpio dos Santos Vital, então Presidente daquele sodalício, que tem a seu cargo cultivar a história e preservar as relíquias da Potiguarânia.

Cinquenta anos mais tarde, a 21 de abril de 1959, o então Coronel Diosco Vale, exercendo o comando do 16 Regimento Infantaria, sediado nesta capital, apresentou-a aos novos soldados dessa corporação militar, como símbolo de bravura e de disciplina dos heróis que serviram com denôdo à causa do Brasil, extinguindo o reduto de Canudos, mancha negra plantada no coração da nossa Pátria.

Hoje, ainda se vê, entre as relíquias históricas colocadas sob o zêlo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Bandeira informe, que voltara

dos campos da luta, esfarrapada, enegrecida pelo fumo da fusilaria inimiga, pedaço do coração da mulher potiguar, símbolo do ardor patriótico de nossos irmãos, como que falando altiva, em linguagem muda, ao sentimentalismo dos nossos corações enternecidos.

---

## QUESTIONÁRIO

Que jovens se incorporaram ao 34 Batalhão de Infantaria? Que fez a mulher potiguar em homenagem aos soldados do 34? Em que campanha êsse Batalhão tomou parte? Quando regressou êle? Em que condições chegou a Bandeira Nacional que lhe fôra oferecida? Que atitude assumiu a mulher natalense ante a Bandeira crivada de balas?

---

## EXERCÍCIO

Marchando para \_\_\_\_\_ o 34 Batalhão levou a Bandeira de sêda oferecida pela mulher norte-riograndense. Quem a conduziu foi o oficial mais \_\_\_\_\_ da tropa. Ao voltar, crivada de balas, ficou no \_\_\_\_\_ em lugar de honra, como troféu militar. Ao ser dissolvido o Batalhão, ofereceram-na ao \_\_\_\_\_. A lembrança de oferecê-la ao Instituto Histórico e Geográfico deve-se ao oficial \_\_\_\_\_. O Coronel Diosco Vale, Comandante do 16 Regimento de Infantaria, de Natal, apresentou essa Bandeira aos conscritos de 1959, como símbolo da \_\_\_\_\_ do soldado brasileiro.

## XIII — O heróico Porta-Bandeira

Raiava com esplendor o dia 29 de novembro de 1915.

O sol derramava-se por sôbre o lençol verde-glauco das águas balouçantes da formosa Baía da Guanabara.

O batalhão escolar do Colégio Salesiano Santa Rosa, da cidade de Niteroi, devia incorporar-se às imponentes solenidades que se programavam na Capital da República em homenagem ao 50º aniversário da sagração episcopal de S. Eminência D. Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro e primeiro Cardeal da América do Sul.

Para a travessia da baía estava a Barca Sétima que logo recebeu o batalhão escolar daquele modelar educandário católico.

Quando em marcha por sôbre as águas marulhosas da baía, violento choque fêz estremecer todos os corações. Em breve as águas começaram a invadir o bôjo da embarcação. Pânico, terror, agonia. Os jovens navegantes, tomados de angústia, em gritos lancinantes de horror, precipitavam-se ao mar em busca de salvamento.

Inúmeras embarcações das circunvizinhanças apresentaram-se em socorrer as vítimas do naufrágio. Eis que, um dos jovens, já próximo de um dos barcos salvadores, retrocede bruscamente e, às braçadas, volta em direção à barca que sossobrava. Galga-lhe a cobertura e desaparece para, momentos depois, surgir e lançar-se nágua, agora nadando com um só braço, porque o outro apertava ao peito a Bandeira Nacional do seu batalhão. Escrevia,

assim, uma das mais impressionantes páginas da imensa tragédia.

O pânico, o horror, a agonia dominante, não permitiam que sobre êle se fizesse nenhuma reflexão, pois que gritos de dor ecoavam no espaço ante a tragédia que trazia o desespero e, mórmente, o luto a 28 famílias que perderam os filhos tragados pelas águas profundas, 28 esperanças mais sadias da Pátria, que se vinham estruturando para o mais risonho dos futuros.

Amanizadas as emoções daqueles momentos tremendos, pôde-se voltar as vistas para o jovem herói, o escolar Antônio Carlos Chagas, protagonista da cena sublime, desenrolada mesmo em meio da horrível catástrofe ocorrida. Era mister que depois de chorar-se a perda de tantas vidas esperançosas, se homenageasse tão evidente exteriorização de ardor cívico-patriótico.

A 19 de novembro de 1916, o Dr. Venceslau Braz, então Presidente da República, em pomposa solenidade, celebrada no Palácio da Prefeitura do Distrito Federal, colocou no peito de Antônio Chagas, uma medalha de ouro com a qual, em nome do Brasil reconhecido, premiava o herói daquele feito sublime. E fazendo-o, como-vi-do, beijou-o nas faces.

A tocante cerimônia calhou vivamente na sensibilidade da numerosa e seleta assistência. Houve mesmo quem, inesperadamente, visse rolar-lhe pelas faces, sem poder conter, uma lágrima furtiva de emoção.

A 19 de novembro de 1939, Antônio Chagas era levado a outra homenagem, agora prestada pelo Ministério da Educação, conferindo-lhe um pergaminho laudatório em que fôra enaltecida aquela fulgurante página de heroísmo.

Por sugestão do então Major Barbosa Leite, a Bandeira salva do naufrágio da Barca Sétima seria confiada à guarda do Museu Histórico Nacional. O Colégio Santa Rosa não trepidou em atender à solicitação e, em 1940, compareceu, incorporado, em festiva reunião na sede do Mu-

seu, presentes autoridades, professores, alunos e ex-alunos daquele modelar estabelecimento, entre os quais se encontrava o Tenente Aristoteles Lopes, ex-aluno e também naufrago da Barca Sétima, ao lado de Antônio Carlos Chagas.

Fêz entrega da relíquia histórica o Professor Sristeu Portugal Neves, também ex-aluno salesiano, em eloqüente improviso, que terminou com a recitação do expressivo poema “A Bandeira”, de sua autoria.

E ali, sob os cuidados do Diretor da Casa da História do País, para gáudio dos bons brasileiros e exemplo vivo à posteridade, encontra-se ela, a Bandeira Histórica, lição muda que fala aos moços do futuro, pelas côres fulgurantes do seu estôfo e, mais ainda, pela evocação de tão sublime feito.

---

## REDAÇÃO

Narre o naufrágio da Barca Sétima.

---

## EXERCÍCIO

A que solenidade devia comparecer o Colégio Santa Rosa? Que aconteceu na travessia da Baía da Guanabara? Quem era porta-bandeira do batalhão colegial? Que fêz Antônio Carlos Chagas ao tomar conhecimento de que a Bandeira ficara na Barca que sossobrava? Que atitude assumiram as autoridades depois que cessou o choque da catástrofe? Que fêz o Dr. Venceslau Braz, então Presidente da República? Onde se encontra hoje essa Bandeira salva herôicamente do naufrágio?

## XIV — A Bandeira

Contemplando a nossa Bandeira, vemos quanto ela fala à nossa alma, quanto nos toca o coração, quanto nos empolga e seduz.

Eis, na contemplação dêsse pavilhão soberbo, as arrancadas bandeirantes penetrando o sertão, galgando montanhas, transpondo escarpas, varando florestas, semeando os campos, plantando cidades no âmagô do vasto continente.

As fímbrias dessa Bandeira formosa refletem a intrepidez de Matias de Albuquerque, o enérgico e valoroso comandante do Arraial do Bom Jesus, que se bateu heróicamente contra o holandês invasor.

Em feliz evocação, divulgamos nesse pavilhão majestoso as silhuetas de Henrique Dias, Vidal de Negreiros e Filipe Camarão, legítimos representantes das três raças que se irmanaram para as lutas em defesa do direito e da integridade do território.

Eis José Bonifácio delineando a independência política, Caxias pacificando as dissensões internas, a Princesa Isabel redimindo uma raça, Benjamin Constant e Silva Jardim pregando a democracia, Deodoro e Floriano plasmando a nova forma de governo, Rui Barbosa ditando os princípios constitucionais, Rio Branco dilatando e definindo as fronteiras territoriais.

Desde então, a despeito da incompreensão dos falsos patriotas, é pujante a indústria e colossal o comér-

cio, para a grandeza material da extensa e soberba região que êsse Pavilhão simboliza.

O café e o cacau, os pinheiros e os rebanhos, os laticínios e o petróleo, os minerais latentes no sub-solo; o algodão e a borracha, a cêra de carnaúba e os saborosos frutos dos viçosos pomares; pássaros canoros e de plumagem formosa, mansos ribeiros e cascatas marulhosas; o vai-vém infernal das artérias citadinas e a quietude dos campos ubérrimos, o silvo das locomotivas e das sirenes, o silêncio das margens lacustres quebrado apenas pelo coaxar das rãs alegres e timoratas; as madrugadas festivas com o cantar dos galos; o trinar mavioso dos conclis nas auroras reluzentes, o sibilar dos ventos nas frondes das árvores e o piar noturno dos corvos insones na escuridão das noites invernosas; o tilintar das arapongas ariscas e o gemer das juritis saudosas ao cair da tarde. Tudo isso é a Pátria formosa e opulenta que recolheu avaramente os despojos queridos dos nossos avós, que nos incita a bravura e nos ensina a desenvolver as atividades impulsionadoras do progresso. Tudo isso é a terra dos nossos anseios e das nossas esperanças que essa Bandeira representa.

Pavilhão de esmeralda e de ouro! Sob o teu manto protetor colocamos o futuro dos nossos filhos diletos, que são o ídolo do nosso amor egoísta. Sê para êles o pálio augusto que lhes conceda a sombra acolhedora que os abrigue contra os rigores do sol abrasador, as inclemências da natureza e a obstinação dos maus brasileiros. Sê, pois, o seu amparo material e moral e tôda a sua proteção.

E pelos anos em fora, na doce expectativa de crescentes felicidades, brilharás sempre pela imponência de que te revestes junto aos símbolos de outras nações, porque és bela, majestosa e sugestiva.

Bandeira do meu Brasil! país soberbo e impoluto, de filhos valorosos e heróis sem igual, país de nossos sonhos e de nossas risonhas esperanças!

Bandeira do Brasil! Adeja sempre sôbre nós, oferecendo o agasalho incomparável do teu manto protetor!

---

## REDAÇÃO

Faça uma narração dos produtos naturais que constituem as fôrças econômicas do Brasil.

---

## EXERCÍCIO

Nas.....fimbrias da Bandeira do Brasil refletem-se as majestosas silhuetas de Caxias e de Osório. A Bandeira Brasileira lembra-nos as ..... pela libertação dos escravos e a figura da Princesa D. Isabel. Sob o manto da Bandeira Brasileira colocamos.....o futuro de nossos filhos. Sê, pois, Bandeira do Brasil, minha Pátria, o pálio augusto que conceda aos.....sombra protetora. És.....quando estás junta aos Pavilhões de outras nacionalidades.

## XV — Oração à Bandeira

Bandeira do Brasil!

Lábaro altaneiro, símbolo de uma nacionalidade ativa, forte, indissolúvel!

Eu te saúdo nas fimbrias dêste retângulo verde, que é a grandeza incomparável dos teus campos fertilíssimos, onde medra a boa semente e esvoaçam pássaros de lindas plumagens e cantos maviosos. Eu te bendigo no estôfo côr de ouro do teu losango, símbolo da riqueza que dorme no seio do teu vasto e opulento território. Eu te saúdo no azul do teu céu pintalgado de estrêlas fulgurantes. Eu te bendigo, ó sudário de heróis imorredouros das glórias sacrossantas da Pátria estremecida e augusta, sonho de Benjamin Constant, esperança de Silva Jardim, glória de Rui Barbosa e de Rio Branco, ó símbolo altaneiro do berço de Castro Alves e Patrocínio, maternal para os filhos e acolhedora para o estrangeiro amigo.

Quando adejas nas vergas dos navios, escreves o nome da Pátria na amplidão intérrima dos mares; quando estalas à viração na fachada dos edificios públicos nos dias de glórias, conclamas os cérebros para argamassarem a grandeza da nacionalidade; quando sôbre os ombros dos officiaes das nossas fôrças armadas, és a esperança dêste

povo soberano e altivo; quando te cobres de crepe, chorando a perda de nossos irmãos ilustres, inspiras ainda maior admiração e respeito, porque fazes despertar no coração de cada um de nós a gratidão pelos feitos sublimes daqueles que tombaram para a morte.

Bandeira do Brasil! Quanto falas à nossa alma, na mudez das tuas fímbrias e na viveza indescritível das tuas côres, que tão fortemente tocam às fôrças da nossa alma plena de sadia sensibilidade, e nos deixam pequeninos ante a grandiosidade sobreumana dêste país de maravilhas suntuosas!

Bandeira do Brasil! Dá que tenhamos futuro sempre risonho e mais próspero! Inspira-nos o amor mais vigoroso e mais forte, para que possamos ser guardas mais vigilantes da tua majestade! Sê o pálio que nos proteja no presente e no futuro contra a audácia do estrangeiro! Inspira-nos o sacrifício maior, se preciso, para a conquista da integridade da Pátria que simbolizas! Sê para a juventude que se ergue, ó Bandeira do Brasil, a fôrça viva e inspiradora de novos ideais, de um patriotismo saudável e construtivo!

Adeja, adeja sempre na fachada das repartições públicas, nos quartéis, nos mastros dos navios que singram os nossos mares de verde-glaucos, para gáudio dos brasileiros, para que assim palpites fortemente no seio da mocidade que tem a fronte engrinaldada pelo esplendor do Cruzeiro do Sul.

Bandeira do Brasil! Eu te saúdo com as fôrças mais vivas e mais sinceras da minha alma de crente do civismo!

## REDAÇÃO

Descreva, com sinceridade, qual a emoção que você experimenta quando assiste homenagens à Bandeira Brasileira.

---

## EXERCÍCIO

Complete :

Quando adejas nas vergas dos nossos navios, Bandeira do Brasil, despertas o amor à terra e a admiração aos filhos que construíram a sua ..... Bandeira do Brasil, quanto falas à nossa ..... quando estalas aos ventos nas fachadas das repartições públicas! Quando, coberta de crepe, choras a morte de brasileiros ..... mais ainda inspiras o amor à terra que simbolizas. Sê a fôrça mais viva, Bandeira do Brasil, que inspire ..... no povo altivo da Pátria Brasileira.

## XVI — O Brasão da Armas, a Bandeira e o Hino do Rio Grande do Norte

Desde 1909 o Rio Grande do Norte tem o seu Brasão de Armas, com o qual timbra os papéis oficiais. Foi criado pelo Decreto nº 201, de 1º de julho dêsse ano.

O Dr. Alberto Maranhão, então Governador do Estado, confiou ao escultor Corbiniano Vilaça o encargo de organizar e desenhá-lo.

O próprio decreto de sua oficialização determinava que o original ficasse na Secretária do Govêrno e uma cópia fôsse enviada ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

“É constituído de um escudo em campo aberto, dividido a dois têrços de altura, tendo no plano inferior o mar, onde navega uma jangada de pescadores que representam as indústrias do sal e da pesca. No têrço superior, em campo de prata, duas flores ao lado e ao centro dois capulhós de algodão. Ladeiam o escudo, em tôda a sua altura, um coqueiro à direita e uma carnaubeira à esquerda, tendo os troncos ligados por duas canas de açúcar prêsas por um laço com as côres nacionais. Tanto os móveis do escudo, como os emblemas de côres naturais, representam a flora principal do Estado. Cobre o escudo uma estrêla branca, simbolizando o Rio Grande do Norte na União Brasileira.”

Sua organização artística oferece-nos agradável e expressivo conjunto a que não falta o gosto estético do artista que nêle representou as forças econômicas mais fortes do Estado.

\* \* \*

A Carta Magna vigente faculta aos Estados a instituição de Bandeira e Hino próprios. Assim é que o Rio Grande do Norte, em 3 de dezembro de 1957, criou a sua Bandeira, constituída de “um retângulo com um metro e meio (1,50 m) por um metro (1,00 m) dividido em duas partes iguais no sentido horizontal, sendo a parte superior de côr verde, idêntica à da Bandeira Nacional e a parte inferior de côr branca. Ao centro do retângulo, um campo amarelo em forma de escudo, servindo de fundo ao Brasão do Estado, instituído pelo Decreto nº 201, de 1º de julho de 1909.

A Lei nº 2.160, de sua criação, sancionada pelo Governador Dinarte Mariz, determina que o original seja arquivado na Secretaria do Interior e Justiça e uma cópia autêntica seja destinada ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Na Lei citada não consta nenhuma referência ao que simbolizam as côres que a constituem.

\* \* \*

Nesse mesmo dia 3 de dezembro de 1957, pela Lei nº 2.161, o Govêrno do Estado oficializou o Hino do Rio Grande do Norte, letra da autoria do Professor José Augusto Meira Dantas, nosso conterrâneo que, no Estado do Pará, honrou, sobremodo, a cultura norte-riograndense, tanto na literatura quanto na cátedra da Faculdade de Direito daquele Estado do norte. Êsse poema foi musicado pelo Professor José Domingos Brandão.

Vale ressaltar que o Dr. Nestor dos Santos Lima compôs um poema que, musicado pelo renomado maestro Nicolino Milano, foi cantado em 1922, nas festas realizadas pelo Estado, em homenagem ao transcurso do primeiro Centenário da Independência do Brasil, logrando as mais lisonjeiras referências das críticas literárias e artísticas.

A Lei que oficializou o Hino do Rio Grande do Norte, manda arquivar a letra e a música na Secretaria do Interior e Justiça.

---

## QUESTIONÁRIO

Quando foi criado o Brasão de Armas do Rio Grande do Norte? E a sua Bandeira? Quando foi oficializado o Hino do Rio Grande do Norte? Quais são as côres da Bandeira do Estado? Quem compôs o poema do Hino Oficial de Rio Grande do Norte? Qual o compositor da música? Há outro Hino do Estado? Quem compôs o poema dêste último? E quem compôs a sua música?

---

## EXERCÍCIO

Complete :

No Brasão de Armas do Rio Grande do Norte o mar está representando....., enquanto a jangada representa ..... A carnaubeira e o coqueiro, as canas de açúcar e as fôlhas e capulhos de algodão representam..... A estrêla branca simboliza .....

# Hino Oficial do Rio Grande do Norte

Letra de Augusto Meira

Música de José Domingos Brandão

## I

Rio Grande do Norte, esplendente,  
Indomado guerreiro e gentil,  
Nem tua alma domina o insolente  
Nem o alarde o teu peito viril!  
Na vanguarda, na fúria da guerra,  
Já domaste o astuto holandês!  
E nos pampas distantes, quem erra,  
Ninguém ousa afrontar-te outra vez!  
De tua alma nasceu Miguelinho  
Nós, com êle, nascemos também,  
Do civismo do rude caminho  
Sua glória nos leva e sustém!

## ESTRIBILHO

A tua alma transborda de glória!  
No teu peito transborda o valor!  
Nos arcanos revôltos da história  
Potiguares é o povo senhor!

## II

Foi de ti que o caminho encantado  
Da Amazônia Caldeira encontrou,  
Foi contigo o mistério escalado,  
Foi por ti que o Brasil acordou!  
Da conquista formaste a vanguarda,  
Tua glória flutua em Belém!

Teu esforço o mistério inda o guarda  
Mas não pode negá-lo a ninguém!  
É por ti que teus filhos descantam,  
Nem te esquecem, distante, jamais!  
Nem os bravos seus feitos suplantam  
Nem teus filhos suspeitam rivais!

III

Terra de sol deslumbrante,  
És o peito da Pátria e do mundo!  
A teus pés derramar, trepidante,  
Vem Atlante o seu canto profundo!  
Linda aurora que incende o teu seio,  
Se reclama florida e sem par,  
Lembra uma harpa, é um salmo, um gorjeio,  
Uma orquestra de luz sôbre o mar!  
Tuas noites profundas tão belas,  
Enchem a alma de funda emoção,  
Quanto sonho na luz das estrêlas,  
Quanto adejo no teu coração!

# Hino do Rio Grande do Norte

Letra de Nestor dos Santos Lima  
Música de Nicolino Milano, depois  
estilizada em 2 e 3 vozes por  
L. Maria Smido.

## I

Rio Grande do Norte, adorado,  
O planura do azul Cabugi!  
Es da Pátria no Céu perolado  
Astro nobre e vivaz! Glória a ti!

Em valor, é teu povo um portento,  
E no crisol das desgraças afeito,  
Quer se afirme em bravura, em talento,  
Ou nos prélios do Bem, do Direito!

Salve! Berço de altivos patriotas!  
Salve! Tumba de heróis ancestrais!  
Do futuro nas eras remotas  
Cada vez mais triunfos terás!

## II

Se te fere da sêca a tortura,  
E o teu solo parece abrasado,  
Vindo o inverno, é espantosa a fartura,  
Que apresenta feliz todo o Estado.

No sertão vive o gado abundante,  
Carnaúba e algodão sem rival,  
Há na praia, coqueiro ondulante  
E as formosas jazidas do sal.

Salve! Berço de altivos patriotas!  
etc., etc.

## XVII — O Brasão de Armas e a Bandeira do Município de Natal

A resolução do Governo Municipal de Natal, de 23 de agosto de 1909, criou o Brasão de Armas para este município.

Consta de campo azul com uma estrêla caudada de ouro, encimada pela coroa simbólica da cidade, um listrão azul, em baixo do escudo, com a palavra **NATAL**, com letras de ouro, tudo de acôrdo com o plano aprovado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

A Lei Municipal nº 978, de 8 de dezembro de 1959, criou a Bandeira do Município de Natal, constituída de duas faixas, verde e branco, tendo no centro, superposto, o Escudo de Armas já adotado há cinqüenta anos.

O Brasão de Armas é usado no timbre dos papéis oficiais do município, enquanto a Bandeira é hasteada, diàriamente, juntamente com o Pavilhão Nacional, na fachada da Prefeitura, por ocasião do expediente, e, bem assim, nos dias feriados. As repartições municipais e as escolas mantidas pela Prefeitura de Natal também hasteiam a Bandeira do Município nos feriados e nos dias festivos.

## EXERCÍCIO

Complete :

O Brasão de Armas do Município de Natal é constituído de ..... com uma estrêla caudada de ouro. Encima-o ....., símbolo da cidade. Em baixo do escudo, em listrão azul, a palavra ....., com letras de ouro. O plano do escudo do Município de Natal foi aprovado pelo ..... A Bandeira do Município de Natal foi criada pela Lei de ..... É formada de dois ..... verde e branco. No centro da Bandeira está superposto ..... A Bandeira de Natal é hasteada na fachada da ..... durante e expediente e nas escolas mantidas pelo Govêrno do Município.

ANEXOS

## Oração à Bandeira

A. Celso

Bandeira de minha Pátria, eia ergue-te  
Sobranceira, viril, resoluta, altaneira  
proclamando nas tuas côres, ouro-azul-esmeralda  
As riquezas do teu solo, o vigor da gente brasileira.  
O verde simboliza a côr dos nossos mares  
E recorda também a côr das esperanças...  
O azul é a côr do céu em que expandem luares,  
Em noites virginais, de finas transparências,  
Noites cheias de amor, translúcidas e mansas...  
O amarelo traduz mágicas fulgências.  
De ouro que a nossa terra esconde em seu seio.  
Farto colo de mãe, ubérrimo, altaneiro,  
Onde palpita o amor em delirante anseio.  
Sabei, ela é a mais bela, a mais pura, a mais santa  
De tôdas as que vejo em todos êstes mastros,  
O auri-verde pendão tem luz, tem sol, tem astros  
E nenhum, eu vos digo, o seu valor suplanta.  
Não tem nódoas que manchem os fios da urdidura  
Por isso é a bandeira mais santa e mais pura.  
Sempre serviu de pálio a Deus e à Liberdade,  
Sempre serviu de manto à Justiça e à Bondade.  
E sob a fôrça auro real da luz da sua essência

Se fêz o grande sol da nossa Independência!  
E após ter sido um sol, fundiu-se e fêz um raio  
Que passou pelo céu e foi o 13 de maio!  
Depois, ainda fêz com a luz que o sol dimana  
De uma pátria de reis, Pátria Republicana!  
Por isso ela é a maior, por isso ela é a primeira  
Desde que o bem traduz e porque, sobretudo,  
Em pleno mar infindo, em pleno céu desnudo  
Representa o valor da Pátria Brasileira.

## Poema da criança pobre

Jayme dos G. Wanderley

Meu Brasil!  
Perdão pela minha pobreza.  
Não me julgues hostil  
à suprema realeza  
dos feitos imortais da Pátria Brasileira.  
Na festa auroreal  
que de pompas estouca  
teu supremo ideal  
de glória e de beleza,  
vibra um grito, um evoé, de bôca em bôca,  
exaltando-te a glória alvissareira,  
no dia consagrado  
ao linho sagrado  
de tua Bandeira.

As ruas amanheceram enfeitadas  
de bandeiras, em tôdas as fachadas.  
E eu, criança pobre,  
que a inveja, que a angústia mortifica,  
fiquei olhando a janela nobre  
do palácio da criança rica...

Meu Brasil!

Meu país altaneiro,  
perdão pela minha franqueza,  
pois eu não tenho culpa que a minha pobreza  
me martirize para a vida inteira.

Sou fiel, patriota, brasileiro,  
mas, papai não teve, hoje, dinheiro  
para comprar também uma bandeira...  
Acredita, porém, Brasil querido,  
na minha casa que a humildade encobre,  
quando passou garboso o Batalhão,  
na sua humílima fachada,  
o teu filhinho pobre  
içou a Bandeira do seu coração.

## Oração à Bandeira

Olegário Mariano

Bandeira do Brasil! — símbolo de esperança e de glória! Em nome dos meus companheiros — homens que lutam pela grandeza do Brasil mental — eu te saúdo no grande dia da tua consagração?

Cantam em ti as harmonias de todos os pássaros de nossa terra, desde o iapuru da selva amazônica ao quero-quero das cochilas dos Pampas. Vejo renascer do teu panejamento verde-amarelo, como Venus Afrodite das águas, — as iaras desencantadas das lendas brasileiras. Sinto brilhar em ti as pepitas de ouro e esmeralda que as mãos calejadas e sangrentas de Fernão Dias e Borba Gato arrancaram das entranhas das serras e das furnas. Na vanguarda de todos os heroísmos tens sido a bandeira única, enfunada aos ventos bravios, a reter nas tuas dobras, como os búzios guardam a voz eterna dos oceanos, o eco longínquo dos uivos das feras, ou o bramido das pororocas, e das cachoeiras, ou o galopar dos corceis selvagens, o retinir das lanças, o espoucar das metralhas ou o silvo agudo da flecha hervada que o sôpro hercúleo dos aborígenes arremessava das zarabatanas tapuias.

Na paz ou na guerra, és um símbolo de esperança e de glória!

Ao ruflar das trocanas ou dos tambores, alertada pelos clarins ou pelas tubas, pelos borés ou pela voz pacífica dos homens, és sempre uma bênção do céu desdobrada sôbre as nossas cabeças intranquílias.

A ti devemos a flama que arde em todos os nossos corações. És uma palma de uma palmeira que não pára de oscilar ante as calmarias e ante as tempestades, no afã contínuo e paciente de acender o braseiro da nossa fé no Brasil de amanhã, o Brasil que deixou de ser promessa para ser realidade, que deixou de ser semente para ser fruto, que deixou de ser passado para ser presente e futuro, presente promissor e futuro fecundo na abastança, luminoso na inteligência, tranqüilo e respeitado dentro do seu largo espírito de paz e de concórdia. E porque és bela e és nossa, eu bendigo a primeira mão que bordou as tuas estrêlas em campo azul e o primeiro soldado que te ergueu ao tôpo do primeiro mastro, pondo-te em contacto com as altas atmosferas, puras e transparentes como a alma do teu povo, do povo que se orgulha de ti, que trabalha por ti, que sofre por ti,— farrapo do firmamento em que as cinco chagas do Cruzeiro sangram como as de Jesus Cristo sôbre a epiderme calcinada das três raças que fizeram, na sua fusão miraculosa, a unidade, o espírito, a bravura de uma grande Raça.

Deus te guarde, Bandeira do Brasil!

# A Bandeira Nacional

(Cena escolar em verso)

José Escobar

Personagens: A e D, meninos; B e C, meninas;  
E, menino bem pequeno.

A - traz uma Bandeira Nacional enleuada.

A — Amiguinhos, então, eis-nos juntos agora...

B — E o segrêdo?

C — E o segrêdo?

D — A surprêsa?

A — Ah! É a hora

Doce de vos contar o que vos prometi.

B — Mas que é isso que tens assim guardado aí?

A — Eis a questão.

Todos - Ah!

A — Então chasqueiam-me? Veremos.

Se em breve nós aqui joviais não ficaremos.

C — Mas então que é o segrêdo?

D — A adorável surprêsa?

B — Naturalmente tem uma real beleza...

A — É mais que uma surprêsa, é mais que um presente,

É glorioso! é divino! é lindo! é resplendente!  
É um presente sem par, caríssimo e formoso!

B — É curioso...

D — É curioso...

E — É curioso...

A — E deveis adorá-lo, amá-lo muito mais  
Do que a vossos irmãos e do que a vossos pais.

C — Mas então é um prodígio!

B — É sublime!

E — É um achado!

D — É mentira!

B — Sê mais um pouco delicado!

A — O que eu vos mostro agora e o que eu vos escondia  
É um emblema de amor, sinal de simpatia,  
Um objeto sagrado e santo, uma bandeira:  
O símbolo da Pátria, a Pátria Brasileira!

(A abre a bandeira)

E — Que bonitinha!

B — Que lindeza!

C — Como é bela!

D — Que formosura!

C — Oh! Como eu hei de querê-la!

A — Vou explicar agora essa bandeira benta.  
O retângulo verde, esta côr representa  
A nossa indústria viva, a Natureza em festa,  
E representa, pois, nossa verde floresta.  
Nossa imensa floresta onde os rios pujantes,

Marulhosos, caudais, vão rolando diamantes  
Como colibris azuis com escamas de prata,  
E fazendo brotar mil ruídos — na mata,  
Na luz — o alvo vapor, nas cascatas — estrêlas,  
E esplendorosamente enfiada pelas  
Fitas do sol e cheia de ouro coruscando  
Luminosa e a tremer de pássaros cantando,  
Nossa imensa floresta à luz quente e jovial  
Da áurea manhã — parece a Árvore de Natal.

- B — À tarde fresca e doce, oh! nunca humana vista  
Viu mais virgem e mais formosa, na ametista  
Do céu, erguer-se a ideal turqueza das montanhas!  
Nunca em outro país! nunca em terras estranhas!
- C — Terra estranha, jamais, nunca em outro país  
Dá ao homem mais ardor, torna o homem mais feliz,  
E oferece mais vasta e ruidosa paisagem  
Cheia de aves gazis da mais rica plumagem,  
Como neste país onde há flores a flux,  
—No Brasil todo verde e envolvido de luz!
- A — E como girassóis de amarelo brilhante  
Que na esmeralda de um canteiro verdejante  
Se cravam a brilhar — crava inda mais belo  
No retângulo verde o losango amarelo.  
O losango amarelo! o ouro de nossa terra  
Escondido no rio e escondido na serra,  
E livre muita vez brilhando — representa  
A indústria morta, grande, esplendida e opulenta  
A invejada e feliz riqueza nacional.
- D — Oh! nossa bandeira é deveras genial!
- A — E este céu! Este céu esplendente e formoso,  
Cheio de aves rendando o espaço rumoroso,

Cheio de almas canções, de melodias belas,  
O meigo ninho azul das cândidas estrêlas!

B — Floresta e céu! Dois infinitos se beijando!  
O azul — o bem! o verde — a esperança falando!  
A bondade a cantar no bosque da esperança.

C — Como isto faz vibrar a alma de uma criança!

A — E ei-la, nesta bandeira, o céu dêste Brasil!  
É do mais puro azul! É do mais puro anil!  
Pátria dos anjos, eis o céu todo coalhado  
De estrêlas divinais de um brilho imaculado,  
Castas como a oração das tristes ermitães,  
Meigas como o sorrir de nossas meigas mães.  
Aqui, a Espiga, neste alegre céu casquilho,  
Uma estrêla brilhante e do primeiro brilho,  
Da alva constelação da Virgem, fulge, rindo...  
O Triângulo Austral além, tão claro e lindo!  
Depois vê-se Procion e Canopus e Sírius,  
Lindas como uma noiva e puras como os lírios,  
Depois... mais oito vêm do grupo de Escorpião,  
Onde surge como um pequenino vulcão  
De ouro, Antares louçã, longínquo sol dourado,  
—Loura estrêla que tem um brilho avermelhado.  
E depois, e depois, o Cruzeiro do Sul  
Majestoso e loução tremulando no Azul,  
Tremulando no Azul como uma nívea cruz  
Estendendo no espaço os seus braços de luz  
E ostentando uma jóia — a estrêla Magalhães.

C — Meiga como o sorrir de nossas meigas mães.

A — É um espêlho do céu! Vêde-a! Ela empolga e encanta!  
Nossa bandeira tem qualquer cousa de santa!

- B — Tanta estrêla bonita assim nunca se viu!
- D — E, nem com tanto amor noutro lugar fulgiu!
- C — E tão pura e tão bela! E é nossa! É brasileira!
- E — E deve Deus morar no céu desta bandeira.
- B — Amiguinho, olha bem para as estrêlas, vês?  
São os olhos da Pátria as estrêlas talvez.  
Para verem se nós somos trabalhadores,  
Somos bons cidadãos, patriotas, defensores  
Dela, sob os canhões e as potentes naus.  
—Abençoando os bons e aconselhando os maus.
- A — Coleguinhas, nós já tivemos três bandeiras  
Tôdas elas joviais, formosas e fagueiras.  
O primeiro pendão, no-lo deu, lindo e festo,  
Quando o Brasil era colônia, D. João Sexto.  
Quando o Brasil império, o segundo foi dado  
Por José Bonifácio, o patriota ilustrado.  
A República veio, E então êsse que aí tendes  
No-lo deu, com certeza, o bom Teixeira Mendes.
- C — E dizer-se que há alguém que profane o pendão  
Expondo-o numa venda! em um circo! em função!
- E — Eu quando vir alguém erguer nossa bandeira  
Com grande desrespeito em qualquer brincadeira  
Hei de matá-lo!
- A — Assim tão pequenino?
- E — Assim
- D — E se um homem muito alto e gordo e forte...
- E — Sim!
- Mais que o descomunal corpo de algum idiota

Pode o almo coração de um franzino patriota.

- B — Pátria no coração do homem é audaz, potente,  
Tem a fôrça de um Deus no coração de um crente.
- D — E parece que sinto a Patria em mim vibrando :  
É como um sabiá doce que está cantando...  
Oh! bandeira extremosa eu desejo adorar-te!
- C — Nunca vi, nunca vi mais estética e arte  
Das côres no dispor, nem gôsto mais profundo!
- D — Incontestavelmente é a mais bela do mundo!
- C — E a fita branca que circunda o globo azul  
Que representa?
- A — A fita branca e pura é a faixa  
Do zodíaco, branca e pura, onde se encaixa  
Como Sírius no céu — branca e divina estrêla —  
A legenda mais bela, a divisa mais bela,  
Que jamais fulgurou na face do Universo!  
Lema que diz, como a música de um verso,  
Que deveis trabalhar na paz e florescer,  
Progredir, progredir felizes e viver,  
Não como um sudra vil tremendo ao pé de um Kchatria,  
Mas como bons irmãos dentro de uma só Pátria!
- B — Ordem e Progresso; flor — logo fruto vivaz;  
Doce felicidade incrustada na Paz.  
É uma divisa de ouro, um Evangelho nôvo,  
A mais sublime e real aspiração de um povo!
- A — E êste lema sublime, êste lema genial  
—Alma vibrante e sã do pendão nacional—  
Vos pede, vos suplica, e ordena-vos e manda

Que ergais nosso Brasil como aromal guirlanda  
Do mundo, bem alto, além dos altos céus,  
Bem para além dos céus, bem pertinho de Deus!  
Êste Brasil formoso, invejável e nobre,  
Do rico — o festival, paraíso — do pobre,  
Êste coração de ouro excelso e soberano  
Engastado na imensa esmeral do oceano!

C — Ao fazer o meu mapa eu vi com atenção  
Que a forma do Brasil semelha um coração.  
E é por isso talvez que o povo brasileiro  
É caridoso e bom, poético e hospitaleiro.

B — É tôda sentimento a bandeira querida!  
Ela vive! ela vibra! ela tem uma vida!  
Ela fala a nossa alma, ela tem mesmo uma alma,  
Que nos conduz ao bem e a uma virtude calma,  
Que nos guia ao trabalho e nos consola na dor!  
É uma Bíblia de amor! É uma Bíblia de amor!

A — E êste lema vos diz — ó entusiasmo sagrado! —  
Que na paz e na guerra; ao labutar do arado  
Ou no rouco rugir da artilharia forte,  
Que é o medonho fantasma horroroso da morte;  
Na ponta triunfal da baioneta iriando;  
Na quilha do navio os ares percutando;  
Altaneiro e sublime ao som da dinamite,  
O auri-verde pendão, oh! tremule e palpите!  
E palpите e tremule ainda mais altaneiro,  
Dentro do coração de cada brasileiro.

Dentro da alma de vós, pequeninas crianças,  
Que sois nosso porvir e nossas esperanças!  
Nós sentimos da Pátria o almo fluido magnético,  
E vendo êste pendão, êste pendão estético,  
Como um modêlo de arte, um resumo de ciência,  
Orgulhosos! viris! cheios de consciência!  
Reverentes beijando a fímbria da bandeira,  
Que cobre uma nação feliz, livre e altaneira,  
Do coração tirando um hino triunfal  
Brademos, pois : Viva a Bandeira Nacional!!

(E atira um beijo à Bandeira).

(Apotheose : A República e os Estados).

---

NOTA. — A didática moderna desaprova o uso de cenas escolares tão longas quanto êste primor de patriotismo. Em se tratando, entretanto, de página de tão viva exortação do sentimento cívico-patriótico, é de lembrar-se possa ela ser usada em leitura simultânea e dialogada, por alunos do 3º. e 4º. ano primário, sem a exigência, portanto, do exaustivo esforço mnemônico.

APENDICE

Leitor, amigo :

Sem o intuito de contrariar os dispositivos legais, nem tão pouco estabelecer desacato ou desatenção às autoridades constituídas, às quais respeito, acato e obedição, na qualidade de brasileiro ciente dos seus deveres, ousou, entretanto, divergir do pensamento dos nossos legisladores no que concerne à criação das bandeiras para os Estados e para os Municípios, e bem assim no que se refere à inclusão de uma estrêla na Bandeira Nacional para representar o Estado da Guanabara, assim constituído em consequência da mudança da Capital Federal para Brasília.

Compreendo que não me assiste o direito de levar à juventude que se forma as idéias pessoais em contradição com os estatutos legais. Por isso é que os dois capítulos que se seguem, plenamente desmembrados do corpo dêste modesto trabalho, são, assim, dirigidos exclusivamente aos leitores amigos e aos prezados colegas, com o simples objetivo de lhes patentear êsses meus pontos de vista. Estão êles, evidentemente, a exigir a atenção dos estudiosos do assunto. Se as minhas idéias merecerem o acatamento dos responsáveis pelo que se encontra estatuido a respeito, e lograrem triunfar, estarei certo de haver contribuído para solidificar e enraizar o sentimento cívico-patriótico entre os nossos filhos. Outro não foi o intuito que me animou.

Afetuosamente,

A. FAGUNDES.

## Uma Bandeira para cada nacionalidade

A Bandeira de um país é o símbolo de maior significação. É ela que se apresenta altaneira, drapejando no cimo dos edifícios públicos, nos mastros dos navios mercantes ou de guerra, afirmando a sua nacionalidade e levando a cada povo estrangeiro o nome do país que representa.

É ela que, na fachada das legações diplomáticas, afirma em estranhas terras, onde está o pedaço da Pátria que ela simboliza e onde se devem abrigar os que dela esperam proteção e auxílio.

Onde ela estiver, está também a Patria em tôda a sua plenitude, em tôda a sua carência e em todo o seu fausto. É a Bandeira o símbolo que irmaniza um povo.

O Brasil teve muitas Bandeiras, é sabido. Algumas representaram grupos que divergiram do regime dominante, rebelaram-se e procuraram desagregar-se do todo para se constituírem independentes. Assim a Confederação do Equador, a Inconfidência Mineira, o Movimento Republicano de 1817. À sombra do pavilhão que tomavam por divisa, uniam-se e pregavam as idéias que alimentavam a chama que lhes crepitava a alma de separatistas. Outros simbolizavam as transformações políticas de caráter radical, que se operaram no seio do povo. Tivemos, assim, a Bandeira do Brasil-Colônia, a do Brasil-Reino antes da Bandeira do Brasil-Império, que veio até a República.

O Pavilhão Republicano, criado pela Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889, ligando a tradição aos novos fatos, conservou as côres e a forma da Bandeira do Império, substituindo apenas o emblema da monarquia pelo emblema republicano—a esfera azul-celeste com a faixa branca, a inscrição ORDEM E PROGRESSO e as estrelas representando os Estados e a Capital Federal.

É estranho que se admita mais de uma Bandeira na mesma nacionalidade.

Do mesmo modo que une um povo, congrega-o, arregimenta-o, lógico será que, havendo mais de uma Bandeira em uma só nação, em tórno de cada uma delas se unirá, se congregará, se arregimentará cada parcela desse povo.

Não é difícil evidenciar-se, conseqüentemente, que, depois de certo tempo, cada um dos novos grupos arregimentados em tórno de sua particular bandeira, irá distanciando-se dos outros, tanto quanto do primitivo, constituindo-se, então, tantas unidades diferentes, independentes, quantos forem os grupos que se houverem unido sob os pavilhões adotados.

Creemos que em uma nacionalidade deve haver bandeira única, um lábaro somente que unirá todos os seus habitantes.

Um país não se nos afigura simples aglomerado de pessoas sem idéias e sem propositos definidos. Não é mera agremiação literária, desportiva ou recreativa, cujos elementos componentes, se aglutinam sob um estandarte para fins limitados e durante espaço de tempo relativamente curto, que se podem dispersar facilmente porque são frágeis os laços que os unem.

O inverso se verifica em relação ao país, onde liares muito fortes de ideais e de sentimentos, em duração

infinita, darão lugar à estruturação de novas aspirações à sombra do lábaro que aceitaram. É inegável que há raízes profundas de ordem psicológica que ligam os homens à gleba que lhes toca mais de perto.

Os que se aglomeram sob um pavilhão particular irão perdendo o contacto com os que deixaram à distância, ao mesmo tempo que irão criando novos ideais, outras vivências, outras perspectivas de ordem social.

Pelos motivos expostos e desejosos que se mantenha integral a unidade nacional, é que somos pela existência da Bandeira Única para o Brasil.

Getúlio Vargas teve erros bem graves, é certo; não há negar. Nem por isso, porém, deixaremos de reconhecer que foi grande estadista. Estamos com êle sob êsse ponto de vista: — **“Uma só Bandeira para tôda a Pátria”**.

## Nova Estrêla na Bandeira Nacional

Os que têm responsabilidade nos destinos do país, têm-no, igualmente, ante às gerações futuras. Devem, por isso mesmo, atentar nos atos e nas atitudes que assumem, desde que o exemplo exerce maior influência do que as palavras mais vibrantes e mais expressivas.

Por ocasião da mudança da Capital da República para Brasília e conseqüente constituição do Estado da Guanabara, o então Presidente da República adicionou uma estrêla na esfera azul-celeste da Bandeira Nacional para corresponder à nova Unidade então nascida na Federação.

Julgamos êsse ato uma alteração no símbolo republicano criado pelo decreto de 19 de novembro de 1889, que mantem a tradição quanto à forma e côres—campo verde e losango amarelo—e substitui o emblema do Império pelo da República—“esfera azul, atravessada por uma faixa branca, em sentido oblíquo e descendente da esquerda para a direita, com a legenda ORDEM E PROGRESSO, e pontilhada de 21 estrêlas, entre as quais as do Cruzeiro, dispostas na sua situação astronômica, quanto à distância e ao tamanho relativos, representando os 20 Estados e o Município Neutro, hoje Capital Federal”. (1)

Na esfera azul-celeste está o firmamento de 15 de novembro de 1889, como se uma objetiva fotográfica o

---

(1) Vide decreto-lei n° 4, de 19 de novembro de 1889.

tivesse fixado, ou, no dizer de Gustavo Barroso, “não como se vê, à noite, a olhos nus, e sim refletida num espelho, isto é, em **posição invertida**”. (2)

A nossa Bandeira é histórica e, cremos, somente deveria ser alterada em virtude de movimentos que viessem modificar substancialmente a constituição política do território, tal como aconteceu por ocasião da Independência e da República.

A Inconfidência Mineira, a Inconfidência Bahiana, a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador tiveram as suas Bandeiras, o que bem se justifica ante a radical transformação política pregada pelos adeptos desses movimentos separatistas.

É oportuno lembrar, no momento, que não foram adicionadas estrêlas no Pavilhão Republicano quando se deu a incorporação do Território do Acre, nem tão pouco ao serem desmembrados os demais territórios, hoje existentes na divisão política da Federação.

Admitemos que nesses casos se cogitava de unidades sem autonomia administrativa, mas podemos alegar em defesa dessa nossa tese que, na hipótese — absurda aliás — de verificar-se a fusão de dois ou mais dos atuais Estados, não se daria a supressão de nenhuma estrêla da esfera da Bandeira.

Não tomemos para justificativa a Bandeira dos Estados Unidos da América do Norte, onde também se fazem representar as suas Unidades por estrêlas. Ali estão elas colocados, no retângulo azul, sem nenhum propósito de representação específica de cada Estado, nem guardarem posição astronômica delimitada e aceita previamente, em dada oportunidade, tal como acontece na Bandeira da República Brasileira. Indicam apenas, e tão sô-

---

(2) Vide “Nos Bastidores da História”, de Gustavo Barroso.

mente, o número das Unidades Federadas da grande nação Norte Americana.

Não esqueçamos o ideal dos republicanos legítimos e entusiastas, que plantaram o regime e nos asseguraram a democracia, vencendo óbices constantes e obstinações incomparáveis, e que no símbolo augusto da Pátria concretizam todo o ardor cívico e as aspirações mais autênticas e mais sinceras do povo brasileiro.

Que este símbolo significativo, imponente e altivo, possa tornar perene o nosso passado de glórias e de tradições, estimulando as vindouras gerações a manterem illesa e soberba a Pátria que êle sintetiza.

Que seja para todo o sempre e pelo Brasil em fora, o espelho vivo do glorioso 15 de novembro, refletindo em suas dobras ao vento, a fisionomia austera de Deodoro, o idealismo sadio de Benjamin Constant e o sonho contínuo e idílico de Silva Jardim.

## BIBLIOGRAFIA

Decretos-leis ns. 4.545, de 31 de julho de 1942 e 7.019, de 19 de março de 1946.

Lei nº 978, de 8 de dezembro de 1959, do Município de Natal.

Decreto-lei nº 4, de 19 de novembro de 1889, do Governo Provisório da República.

Osório Duque Estrada — **História do Brasil.**

Gustavo Barroso — **Nos Bastidores da História.**

Sylvio B. Coelho — **Educação Moral e Cívica.**

F. Floriano de Paula — **Para ser Escoteiro.**

Capitão Ernesto Bandeira de Luna — **A Bandeira do Brasil** — (Revista ESSO).

General Armando de Moraes Âncora — **Dia da Bandeira**, discurso pronunciado na Casa do Estudante, em Natal.

Clóvis Ribeiro — **Brasões e Bandeiras do Brasil.**

Ceição de Barros Barreto — **Estudo sobre Hinos e Bandeiras do Brasil.**

# ÍNDICE

|   | Pág. |
|---|------|
| I - A Formação Cívica. . . . .  | 9    |
| II - A Pátria . . . . .   | 12   |
| III - Os Símbolos Nacionais— O Hino, as Armas<br>e o Sêlo . . . . .                 | 15   |
| Hino Nacional . . . . .   | 20   |
| IV - A Origem das Bandeiras . . . . .   | 22   |
| V - Bandeiras que tremularam no céu do Brasil                                       | 25   |
| VI - A Bandeira do Império . . . . .  | 31   |
| Hino da Independência . . . . .   | 36   |
| VII - A Bandeira Republicana. . . . .   | 37   |
| Hino da Proclamação da República. . .   | 43   |
| VIII - A Bandeira Nacional, seu uso. Homenagens<br>que lhe são tributadas . . . . . | 45   |
| Hino da Bandeira . . . . .  | 53   |
| IX - O Culto da Bandeira. O dia 19 de novembro                                      | 54   |
| O Gráfico da Bandeira . . . . .   | 59   |
| X - As Côres Nacionais . . . . .  | 62   |
| XI - Minha terra está na Bandeira. . . . .  | 65   |
| XII - A Bandeira do 34º Batalhão de Infantaria .                                    | 69   |
| XIII - O heróico Porta-Bandeira . . . . .   | 73   |
| XIV - A Bandeira . . . . .  | 76   |
| XV - Oração à Bandeira. . . . .   | 79   |
| XVI - O Brasão das Armas, a Bandeira e o Hino<br>do Rio Grande do Norte. . . . .    | 82   |

|   | Pág. |
|---|------|
| Hino Oficial do Rio Grande do Norte. . . . .                          | 85   |
| Hino do Rio Grande do Norte . . . . .                                 | 87   |
| XVII - O Brasão de Armas e a Bandeira do Município de Natal . . . . . | 88   |

A N E X O S

|   |    |
|---|----|
| Oração à Bandeira — A Celso . . . . .             | 93 |
| Poema da criança pobre — Jayme dos G. Wanderley   | 95 |
| Oração à Bandeira — Olegário Mariano. . . . .     | 97 |
| A Bandeira Nacional (cena escolar) — José Escobar | 99 |

A P E N D I C E

|  |     |
|--|-----|
| Leitor amigo . . . . .                         | 109 |
| Uma Bandeira para cada nacionalidade . . . . . | 111 |
| Nova Estrêla na Bandeira Nacional. . . . .     | 114 |
| Bibliografia . . . . .                         | 117 |

G R A V U R A S

|  |       |
|--|-------|
| As Armas Nacionais. O Sêlo Nacional. - <i>entre as págs.</i> | 14/15 |
| Bandeira Nacional . . . . . - “                              | 44/45 |
| Gráfico da Bandeira Nacional . . . . - “                     | 58/59 |

---

NOTA. Alguns erros escaparam na impressão dêste trabalho; que o leitor facilmente corrigirá. Cumpre notar, entretanto, na página 75, 6ª linha: em lugar de Professor Sristeu Portugal Neves, leia-se Professor Aristeu Portugal Neves.

---

---

---

DO MESMO AUTOR:

Noções da História e Geografia  
de Açú

Leituras Potiguares

Educação e Ensino

O Cruzeiro

Vida e Apostolado de Dom Joa-  
quim Antônio de Almeida

O Colégio Santo Antônio

A PUBLICAR:

O Vigário Bartolomeu

Minha Terra

Páginas Brasileiras

EM PREPARAÇÃO:

Noções da História e da Geo-  
grafia do Rio G. do Norte

Uma Página do Brasil

Noções de Moral e Civismo

Educação e Ensino (2º tomo)

---

---

